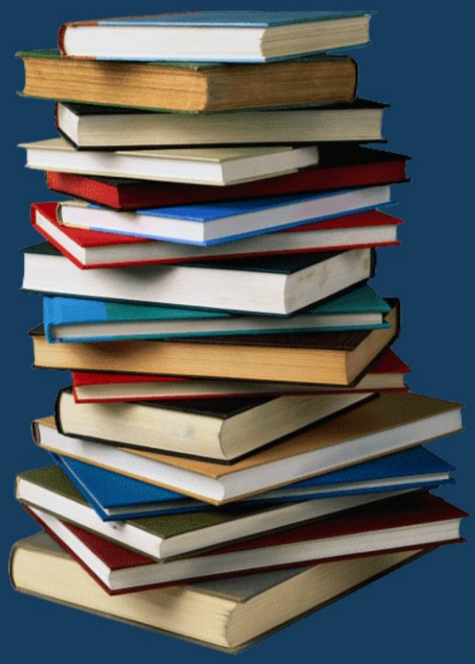
ARY RAMOS DA SILVA JÚNIOR

MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: INCERTEZAS E INSTABILIDADES NA SOCIEDADE MUNDIAL 50 ARTIGOS REFLETINDO SOBRE A CONTEMPORANEIDADE



editora
Virtual Books

MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: INCERTEZAS E INSTABILIDADES NA SOCIEDADE MUNDIAL – 50 ARTIGOS REFLETINDO SOBRE A CONTEMPORANEIDADE

ARY RAMOS DA SILVA JÚNIOR

VirtualBooks Editora

© Copyright 2024, Ary Ramos da Silva Júnior

1ª edição

(Publicado em janeiro de 2024)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei no 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do detentor dos direitos, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva Júnior, Ary Ramos da Silva

MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: INCERTEZAS E INSTABILIDADES NA SOCIEDADE MUNDIAL – 50 ARTIGOS REFLETINDO SOBRE A CONTEMPORANEIDADE. Ary Ramos da Silva Júnior. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2024. E-book, formato PDF.

ISBN 978-65-5606-806-0

CDD- 330 Economia. Brasil. Título.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Mendonça \ editor

Assistente editorial \ Geovanna Gravet

Revisora \ Jacqueline Hagop

Preparador de texto \ Janaína Jaakko Mello

Cao Ypiranga \ designer

Livro publicado pela
VIRTUALBOOKS EDITORA – livros impressos e e-books.
http://www.virtualbooks.com.br
Fone / WhatsApp (37) 99173-3583 - capasvb@gmail.com

Sumário

Apresentação 6

Pacto pelo emprego 7

Pacto pela produção 8

Transformações globais 9

Economia verde 10

Alta temperatura 11

Desumanidade cotidiana 19

Inquietações globais 23

Ilusões econômicas 25

Brics 27

Globalização, inovação e rupturas 29

Movimentações geopolíticas 31

Desempenho positivo 33

Criptomoedas 35

Concorrência e competição 37

Desaceleração chinesa 39

Revolução financeira 41

A era da insegurança 43

Alívio econômico 45

Tempos estranhos 47

Quase trinta anos depois 49

Demanda insuficiente 51

Novos horizontes econômicos 53

Custos do conflito 55

Economia solidária 57

Nova industrialização 59

Relação conflituosa **61**

Pressões do mercado **63**

Comércio desigual **65**

Novos desafios **67**

Debates econômicos **69**

Comércio internacional **71**

Oportunidades asiáticas **73**

Mundo multipolar **75**

Economia travada **77**

Desafios chineses **79**

Ventos intervencionistas **81**

Recessão à vista **83**

Guerra sem fim **85**

Medos contemporâneos **87**

Conflitos distributivos **89**

Convergências **91**

Escalada militar **93**

Demissões em massa **95**

Instabilidades gerais **97**

Economia circular **99**

Desafios da reindustrialização **101**

Sobre o autor **103**

Apresentação

O livro que estamos apresentando ao público "***Mundo em Transformação: Incertezas e Instabilidades na sociedade mundial – 50 artigos refletindo sobre a contemporaneidade"*** pode ser visto como uma continuidade do livro "Escritos semanais: 50 artigos refletindo sobre a sociedade brasileira" que foi publicado em janeiro de 2023, um projeto iniciado em novembro de 2020, quando o autor recebeu um convite do Jornal Diário da Região para escrever semanalmente uma coluna para refletir sobre questões econômicas, políticas e sociais.

O livro **"Mundo em Transformação: Incertezas e Instabilidades na sociedade mundial – 50 artigos refletindo sobre a contemporaneidade"** foi escrito para refletir sobre uma sociedade que vem passando por grandes transformações nos últimos anos, gerando grandes incertezas, instabilidades, inseguranças, medos e preocupações constantes.

Nesta sociedade, todos os setores econômicos e produtivos estão passando por grandes alterações, o incremento da tecnologia está gerando grandes incertezas, de um lado, o incremento tecnológico está gerando novas formas de riqueza e de acumulação, trazendo uma diminuição dos preços e novas formas de organização social e produtiva, gerando novos desafios e novas oportunidades. De outro lado, percebemos que o atual modelo econômico, impulsionado pelo crescimento da tecnologia, está transformando as estruturas de emprego, de renda e de empregabilidade, criando novas exigências, novas necessidades e novas formas de organização social e política.

Nesta nova sociedade, percebemos que todas as estruturas sociais estão em constante transformação, os modelos das famílias estão sendo transformadas, o mundo do trabalho está em constante atualização, os relacionamentos vem passando por novas configurações, a riqueza e a acumulação também sendo na pele as mudanças da contemporaneidade, ou seja, estamos vivendo numa sociedade marcado por grandes e intensas alterações, com não podemos precisar onde estamos nos aproximando, desta forma a escolha do título da obra faz referência a um mundo em constante transformação, onde se transforma cotidianamente, gerando desafios, oportunidades, incertezas e instabilidades.

O mundo contemporâneo impulsiona o conhecimento como forma de organizar os modelos econômicos e produtivos, nunca na história da humanidade o conhecimento se transformou no grande agente da criação de riquezas, o conhecimento passou a angariar um espaço que antes não tinha na sociedade, exigindo de todos os indivíduos uma constante atualização, estudo, ciência, pesquisa e dedicação constantes nas mudanças no mundo da gestão.

Neste espaço de 50 artigos publicados no Jornal Diário da Região, o autor faz uma reflexão sobre a economia nacional e internacional, destacando a recuperação econômica do Brasil, depois de anos de degradação, de incremento da polarização e da redução dos benefícios dos trabalhadores, gerados por governos de extrema-direita que adota uma agenda ultraliberal, angariando novos lucros, defendendo austeridade das contas públicas, privatizando patrimônios estatais, garantindo juros elevados e ganhos estratosféricos de poucos em detrimento de uma grande massa de moribundos, descamisados e esfomeados.

Neste livro, o autor mostra que vivemos um momento de grandes alterações no comportamento das nações, muitas que apregoavam serem defensores do liberalismo econômico

passaram a adotar políticas fortemente intervencionistas e protecionistas, escancarando uma forte defesa de sua economia em detrimento das questões ideológicas defendidas anteriormente.

Neste novo cenário, percebemos que está nascendo um mundo multipolar em detrimento de um mundo unipolar liderado pelos Estados Unidos, desta forma, compreendemos como a sociedade estadunidense está alterando seu comportamento econômico, passando de um modelo econômico liberal para um paradigma altamente intervencionista, mudanças que aparecem no discurso econômico global e pouco reproduzido nas mídias nacionais, todas elas vistas como lacaios dos interesses econômicos e financeiros do império norte-americano.

O livro, "***Mundo em Transformação: Incertezas e Instabilidades na sociedade mundial – 50 artigos refletindo sobre a contemporaneidade"*** em formato e-book, estará disponível para todos aqueles que quiserem baixar, visando estimular as leituras e reflexões sobre a sociedade contemporânea, uma missão árdua e difícil para uma sociedade que lê muito pouco e se compraz com os 140 caracteres de textos escritos nas redes sociais.

Pacto pelo emprego

Com o avanço da tecnologia em todas as áreas e setores, a sociedade passa por momentos de grandes transformações com impactos sobre o mundo do trabalho. De um lado percebemos o crescimento das tecnologias digitais, o aumento da competição, o crescimento da inteligência artificial, novas estruturas produtivas, novos modelos de negócio e grandes exigências para todos os indivíduos, buscando constante atualização e novos conhecimentos, além de novas habilidades que demandam recursos financeiros, levando muitos trabalhadores a não conseguirem estes recursos para investimentos, privando-os desta qualificação fundamental para sua inserção no mercado contemporâneo.

Vivemos momentos de incertezas, instabilidades e, ao mesmo tempo, grandes desenvolvimentos no mundo da tecnologia, que aumentam a produtividade do trabalho, consolidando novos setores, impulsionando o surgimento de novos modelos de negócios. Como imaginaríamos duas décadas atrás o surgimento de empresas como o Uber, a Netflix, o WhatsApp, dentre outras, com novos modelos, novas dinâmicas e capacidade de transformar as formas de organização social e política.

Diante destas transformações cotidianas, que se caracterizam pela rapidez destas alterações na sociedade, um dos grandes desafios para a economia global é a criação de emprego, fundamental para que os indivíduos consigam sobreviver de forma decente e diminuindo a dependência de políticas públicas desenvolvidas por governos nacionais, garantindo maior autonomia e novas formas de inserção na sociedade contemporânea, tão marcadas por grandes desigualdades, exclusões sociais e violências urbanas que se espalham em todas as regiões do mundo.

Para estimularmos os investimentos produtivos é fundamental que os governos nacionais desenvolvam projetos que auxiliem os setores privados e públicos para incrementarem os investimentos produtivos, sem investimento é impossível aumentar a geração de emprego na sociedade. Vivemos numa comunidade marcada por educação de baixa qualidade, impostos elevados para os setores produtivos e que se acostumou com as taxas escorchantes de juros, que estimulam fortemente o rentismo e a especulação financeira, inibindo os investimentos produtivos e contribuindo maciçamente para o aumento das desigualdades sociais e a degradação econômica que crescem rapidamente, estimulando as exclusões e a violência, que afugentam os investimentos produtivos, a geração de emprego e a melhora das condições sociais.

Numa sociedade marcada por grandes desenvolvimentos tecnológicos, dos negócios digitais, da internet das coisas e com o crescimento da inteligência artificial, as nações desenvolvidas estão

aumentando os investimentos das pesquisas científicas, na formação de capital humano, melhorando as condições de trabalho dos profissionais da educação, que devem ser vistos como os profissionais imprescindíveis para a nova sociedade do conhecimento, estimulando a qualificação destes profissionais e deixando de lado discursos ideológicos mesquinhos que atrasam as grandes movimentações em curso na educação mundial.

Vivemos momentos de grandes transformações energéticas na sociedade internacional, neste cenário, somos dotados de grandes ativos estratégicos que precisam ser estimulados, fortalecendo energias alternativas, preservando o meio ambiente, construindo estruturas para a preservação da Amazônia, combatendo garimpos ilegais e fortalecendo a indústria nacional, adotando políticas de reindustrialização produtiva. Todas estas políticas têm forte potencial na geração de emprego e renda, garantindo empregos melhores e qualificados, com novas regulamentações e novas formas de fiscalização.

Todos os dias percebemos o crescimento da insegurança urbana, novas formas de exploração na sociedade, além do incremento do tráfico de drogas, dos conflitos das facções e do incremento das milícias, que crescem numa sociedade que se esfacela todos os dias, marcada por polarizações políticas e a busca constante por interesses imediatos, individualistas e corporativos. Um pacto pelo emprego pode ser o início da reconstrução nacional de uma sociedade que, infelizmente, desaprendeu a capacidade de sonhar

Pacto pela produção

A comunidade econômica internacional está percebendo grandes transformações nas discussões teóricas nos governos, nas universidades e nos construtores das políticas públicas, onde destacamos o retorno das discussões referentes as políticas de intervenção dos governos nacionais retomando momentos de maior intervencionismo. Neste momento, as políticas protecionistas estão sendo adotadas, sempre destacando que estas políticas foram utilizadas por todos os governos nacionais como forma de estimular seus setores produtivos, uns deixando mais claras e efetivas, enquanto outras nações se escondiam em discursos surreais de uma defesa incondicional do livre mercado e da livre competição.

Neste momento, percebemos que estamos vivendo um momento interessante na economia nacional, com indicadores positivos, com melhoras sensíveis nos empregos, com queda das taxas de juros, redução da inflação, melhora nas contas externas, aumento das exportações e perspectivas positivas. Estas melhoras no campo econômico são sempre necessárias e imprescindíveis, mas precisamos entender, que os desafios são imensos e exigem esforços de todos os grupos sociais e políticos para que a sociedade enterre décadas de estagnação e baixo crescimento econômico, que trouxeram um incremento da degradação social, aumento da pobreza e da indignidade, além de facilitar o crescimento das polarizações políticas, aumentando os conflitos sociais, as violências e a desagregação.

Nos últimos quarenta anos, a economia nacional deixou de lado os grandes geradores de emprego em detrimento dos financistas e dos donos do capital financeiro, que passaram a controlar a agenda econômica, os meios de comunicação, impedindo as discussões democráticas e passaram a adotar uma pauta que garantem e perpetuassem de seu poder econômico e financeiro em detrimento da geração de riqueza real para a comunidade, controlando as autoridades monetárias, com taxas de juros escorchantes que garantem lucros e dividendos estratosféricos, com isso, percebemos uma situação surreal, uma economia estagnada, uma população endividada, desemprego nas alturas, empresas em dificuldades e bancos e sistema financeiro garantindo lucros e dividendos elevados.

Precisamos reconstruir um pacto pela produção, pela defesa da dignidade, em defesa do potencial produtivo da sociedade brasileira, estimulando os grupos que impulsionam a economia nacional, os pequenos, médios e grandes empresários, os trabalhadores das cooperativas, dos grupos econômicos vinculados as associações, os grandes produtores do campo, do agronegócio, todos aqueles que estão vinculados com a construção de riquezas nacionais, desta forma, precisamos alavancar investimentos produtivos, gerando empregos de qualidade, fortalecendo a formação e a instrução nas universidades, fomentando a ciência, a pesquisa e o conhecimento, canalizando recursos para a economia real, gerando emprego, taxas de juros condizentes e uma perspectiva de dignidade da população, impedindo um colapso social em curso na sociedade brasileira, um país imensamente rico, dotado de grandes vantagens comparativas, energias alternativas, economia verde e dotado de grande potencial de inclusão social e, infelizmente, convivendo com o crescimento exponencial dos moradores de ruas, das violências urbanas e no crescimento do mercado das drogas, das milícias e dos entorpecentes.

O predomínio da agenda dos grupos financistas e dos setores vinculados ao mercado financeiro fragilizaram uma visão de sociedade, criando uma análise imediatista, reduzindo os investimentos de longo prazo e levando os gestores privados a estimularem os ganhos imediatos e os pagamentos de dividendos elevados em detrimentos de investimentos produtivos, rechaçando o planejamento estratégico, garantindo lucros imediatos para os acionistas e fragilizando os negócios no longo prazo.

Vivemos numa sociedade paradoxal que privilegia setores que pouco contribuem para a geração de riqueza social e nos esquecemos dos verdadeiros geradores de progresso econômico e produtivo, sem estes não conseguiremos construir uma nação de cidadãos, apenas construindo consumidores

Transformações Globais

Neste espaço todas as semanas fazemos reflexões sobre questões interessantes para a sociedade internacional, assuntos econômicos relevantes que impactam sobre a sociedade, comentários políticos e análises sociais que repercutem com a comunidade. Diante disso, estamos percebendo o surgimento de novos horizontes econômicos e políticos que estão ganhando relevância na sociedade mundial, como a retomada de políticas protecionistas, subsídios para setores estratégicos e novas formas de atuação dos governos nacionais, que estão crescendo e se tornando visíveis na economia dos Estados Unidos, que antes era visto como um paraíso da globalização e do livre comércio, percebemos alterações evidentes como o incremento das políticas protecionistas, abandando o livre comércio de forma pragmática para defender seus interesses econômicos e financeiros.

Neste cenário, os governos norte-americanos, desde Donald Trump e mais incisivamente o atual presidente Joe Biden, vem adotando políticas fortemente protecionistas, com o despejo de trilhões de dólares para alavancar a produção nacional, com medidas tarifárias para proteger a produção interna, atraindo grandes conglomerados asiáticos para o mercado interno e a geração de emprego local, como forma de reconstruir laços industrializantes que foram perdidos num momento de crescimento das finanças em detrimento da estrutura industrial. Essa política deve ser vista como o reconhecimento da sociedade norte-americana de que sua estrutura econômica e produtiva não é mais hegemônica e dominante no cenário global, sentindo a concorrência da economia chinesa, que como destacou o renomado jornal inglês Financial Times: “Desculpem, EUA, a China tem uma economia maior do que a sua”.

Neste momento, percebemos que a economia norte-americana que liderou a economia internacional, saindo de um cenário unipolar para uma estrutura global descrita, por especialistas, de uma sociedade multipolar, onde encontramos novos eixos que lideram a economia mundial, surgindo novos conceitos,

novos valores e novos comportamentos, exigindo das nações novos conceitos, buscando novas formas de autonomia e novas formas de soberania, além de liderança e capacidade de compreender os novos desafios da sociedade contemporânea.

Todas as nações que se desenvolveram buscaram fortalecer seu capital humano, com forte investimento em educação, capacitando e qualificando sua população e criando instrumento para a competição desta nova economia internacional, centrada no mundo digital, de novas tecnologias, de novas inovações e de novas oportunidades para os cidadãos. O mundo criado e estimulado pela globalização pelos Estados Unidos está perdendo espaço para uma nova sociedade, mais protecionista, onde o Estado Nacional está ganhando uma nova centralidade, criando os instrumentos de política econômica e de política públicas para estimular seus atores econômicos e produtivos, melhorando a produtividade, gerando mais e melhores empregos, incrementando a renda dos trabalhadores e melhorando as condições de vida dos cidadãos.

Neste novo horizonte, os mitos econômicos estão sendo repensados, as ideologias perdem espaço para a realidade contemporânea, defendemos liberalismo e a livre concorrência como forma de chegar ao oásis do progresso material quando estamos no pódio maior do crescimento econômico mas, nossas atitudes e comportamentos mudam quando nos vemos ameaçados, desta forma repensamos nossas ciências e retomamos, novamente, nosso histórico de protecionismo e passamos a retomar o pragmatismo e adotamos a expressão: faça o que eu digo mas não faça aquilo que eu faço.

Neste momento, percebemos que as nações desenvolvidas estão retomando políticas estratégicas de desenvolvimento econômico, incrementando investimentos para suas comunidades, retomando empresas estratégicas, melhorando instrumentos de fiscalização e consolidando suas capacidades de regulamentação e, ao mesmo tempo, as nações em eterno subdesenvolvimento se esforçam para entregar suas riquezas para grandes conglomerados internacionais, perpetuando nossa indignidade, nossa exploração e nosso eterno subdesenvolvimento.

Economia Verde

Vivemos num momento de grandes alterações em todos os setores da sociedade internacional, a globalização e o incremento da competição nas estruturas produtivas está transformando a economia global, com o surgimento de novos modelos de produção, novos negócios, novas exigências e qualificações dos trabalhadores e o crescimento da chamada economia verde, ao mesmo tempo, que as antigas formas de energia vem perdendo espaço na economia mundial, gerando incertezas e instabilidades, além das resistências dos grupos econômicos que sempre ganharam com o modelo energético atual, fortemente dependente dos combustíveis fósseis.

As transformações do sistema econômico e produtivo internacional estão moldando o nascimento de uma sociedade, exigindo políticas efetivas, consistentes, sérias e rigorosas para a construção de um novo consenso da necessidade e de uma matriz energética alternativa para dinamizar a estrutura produtivo. Esse consenso é imprescindível para a legitimação das ações da sociedade para a construção de um modelo energético mais limpo e com menor dependência dos combustíveis fósseis, mas numa sociedade marcada por grandes polarizações políticas, discursos inflamados e debates centrados em notícias falsas, este consenso, embora imprescindível, nos parece muito distante.

Somos uma nação dotada de grandes vantagens energéticas, poucas nações do mundo apresentam um potencial tão elevado como a brasileira, somos dotados de energia variada e dotada de grande conhecimento nesta área, ou seja, estamos vivendo um momento imprescindível para aproveitar essas

oportunidades, reduzindo as dívidas sociais acumuladas à muitos séculos, construindo políticas públicas que possibilitem investimentos em educação, saúde e bem-estar social, desta forma, impulsionando os dispêndios em ciência e tecnologia, fundamentais para a construção de uma sociedade desenvolvida, mais igualitária e com maior autonomia no cenário internacional.

Mas percebemos que essa transformação energética apresenta grandes dificuldades estruturais, embora percebamos que a sociedade global esteja percebendo os graves desequilíbrios no meio ambiente, as alterações climáticas, o calor exagerado, o crescimento de maremotos e tsunamis, mas é imprescindível destacar que muitos setores grupos sociais e econômicos ganham com este modelo econômico e produtivo, desta forma, utilizam seu forte poderia financeiro para impedir alterações que podem reduzir seus ganhos substanciais.

Se compararmos os valores prometidos para os países desenvolvidos nos grandes fóruns internacionais na casa dos 100 bilhões de dólares para combater os impactos do aquecimento global, percebemos que essa quantia é imensamente menor do que os dispêndios das nações desenvolvidas para financiar a indústria bélica, cujos gastos militares está na casa dos 2 trilhões de dólares, recursos que poderiam retirar, em definitivo, mais de 800 milhões de pessoas que passam fome na sociedade global, segundo dados atualizados pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Neste cenário, a sociedade brasileira tem todos os instrumentos para receber bilhões de dólares de investimentos produtivos, gerando empregos, melhorando a renda da população, atraindo empresas e organizações produtivas em todas as regiões, atraindo empresas que demandam energias a custos menores e não os encontram em seus países de origem. Os próximos anos são imprescindíveis para atrairmos novos investimentos, para isso, precisamos fortalecer as instituições nacionais, aumentando os dispêndios na educação e na saúde, garantindo um capital humano altamente qualificado e capacitado para compreender os desafios da era do conhecimento.

A economia verde pode abrir novos horizontes e novas perspectivas para a economia nacional, somos dotados de grandes vantagens competitivas para enfrentarmos os desafios contemporâneos, reconstruir nossa indústria é imprescindível, além de elaborar um projeto sólido de nação, exigindo sólidas contrapartidas dos grupos internacionais, investindo na educação, na pesquisa e abandonando o complexo de vira-lata que predomina a suposta elite nacional.

Alta Temperatura

Estamos vivendo momentos de altas temperaturas em todas as regiões do mundo, com impactos generalizados para toda a sociedade global, com repercussões em todas as áreas e gerando fortes constrangimentos para a economia, com aumento de custos, incertezas crescentes e a necessidade de discutirmos sobre os rumos da estrutura produtivo e a forte dependência de combustíveis fósseis.

Desde a primeira revolução industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, que trouxeram ganhos substanciais para a estrutura produtiva mundial, incremento da produtividade, com novos modelos de negócio, com a geração de novas formas de organização social e política, com fortes mudanças comportamentais dos indivíduos, com o surgimento de novas ocupações e uma forte dependência dos combustíveis fósseis, que estimularam conflitos militares, guerras e revoluções sangrentas ao longo da história nas mais variadas regiões e como forma de controlar e dominar o chamado “ouro negro”.

Neste cenário, percebemos que a ciência internacional vem buscando novas formas de energia para satisfazer os anseios da estrutura produtiva, sabendo que os combustíveis fósseis são finitos e a

sociedade precisa construir urgentemente outras alternativas energéticas como forma diminuirmos a dependência do petróleo e gás natural.

Depois de mais de duzentos anos de crescimento econômico produtivo global, os impactos sobre o meio ambiente estão, cada vez maiores, com incremento da temperatura, degradação de regiões inteiras, prejuízos elevados e crescentes na agricultura, alterações no solo, degradação de rios, mares e lagos, com isso, percebemos o aumento da imigração de povos inteiros, com variados conflitos culturais, o aumento de movimentos xenofóbicos, a violência e a exclusão social.

Diante disso, percebemos a grande dificuldade dos agentes econômicos e dos gestores públicos de criarem novas formas de energias alternativas para movimentar o sistema econômico e produtivo fortemente dependente dos combustíveis fósseis. Toda a estrutura produtiva internacional sempre foi dependente destes combustíveis e, neste instante, faz-se urgente o desenvolvimento de novas alternativas energéticas. Os recursos necessários para essa transformação são gigantescos para a comunidade internacional, estamos falando em algo de trilhões de dólares, num cenário marcado por economias endividadas e questões fiscais preocupantes para a maioria das nações. Ou seja, estamos vivenciando um dos maiores desafios da sociedade mundial, que exige lideranças capazes de compreenderem o desafio e propor soluções imediatas e disruptivas

Depois de mais de 200 anos de forte exploração e dependência dos combustíveis fósseis, os custos deste modelo econômico dominante estão aparecendo com mais evidente, todos os indivíduos estão comentando as alterações climáticas, o aumento da temperatura e os custos financeiros e monetários para toda a comunidade. Neste momento, o Brasil apresenta grandes oportunidades, somos uma nação detentora das mais variadas formas energéticas, uma grande vantagem comparativa quando observamos as outras nações, que precisam fortemente de formas energéticas externas que reduzem sua soberania e sua autonomia.

Os grandes conglomerados produtivos internacionais perceberam o forte potencial brasileiro, as empresas automobilísticas globais estão se posicionando no cenário nacional e outros setores estão estudando projetos de investimentos para os próximos anos, com forte geração de emprego, com melhorias nos indicadores econômicos e sociais, além da melhora no incremento da produtividade da economia brasileira.

Para que consigamos atrair esses investimentos internacionais precisamos de maturidade institucional, fortes investimentos em capital humano, com grandes dispêndios em educação e saúde, criando fortes estímulos financeiros para as pesquisas científica, atraindo pesquisadores brasileiros e internacionais motivados por um projeto maior e consistente. O sucesso econômico, nos mostram as nações desenvolvidas, está centrado nos fortes investimentos na população, nas políticas públicas e enfocando o ser humano, antes de tudo.

Escolhas Estratégicas

Vivemos momentos de grandes transformações em todas as regiões do mundo, com o incremento da globalização, centrado na forte concorrência e pela competição entre os atores econômicos e produtivos, cujos impactos ainda se fazem sentir em toda a comunidade global, exigindo escolhas estratégicas sólidas e consistentes pela sociedade, pelos governos e pelo setor privado, como forma de manter o dinamismo econômico das nações, compreendendo os desafios do mundo contemporâneo e capacitando seus trabalhadores para reduzirem as desigualdades de renda, cujo crescimento pode gerar graves constrangimentos para os países, desequilíbrios sociais e polarizações políticas, como a que estamos visualizando em todas as regiões do mundo, enfraquecendo a democracia e constrangendo as nações.

Neste cenário, faz-se fundamental que todos os agentes econômicos nacionais se unam para redesenhar um futuro mais consistente para toda a comunidade, rompendo amarras que limitam o desenvolvimento econômico nacional, aproveitando as oportunidades que a economia verde pode possibilitar e deixando de lado políticas concentradoras de renda e a manutenção de privilégios de grupos sociais e econômicos que limitam a efetiva e verdadeira democracia nacional.

Estamos vivendo num momento marcado por grandes transformações na estrutura global, onde os setores econômicos buscam novas formas de organização produtiva e novos modelos econômicos, onde o Brasil se destaca como um grande ator internacional. Nossa sociedade apresenta vantagens que poucas nações do mundo apresentam, somos dotados de grande potencial energético, variadas formas de geração de energia, desta forma, muitas empresas e governos internacionais tem grande interesse no potencial brasileiro, mas para que nós consigamos sair de promessas e nos transformarmos em uma grande realidade, precisamos retomar comportamentos estratégicos, criando espaços de união, consolidando a soberania nacional, usando nosso forte potencial para compreendermos as grandes mudanças geopolíticas em curso na sociedade internacional, fortalecendo nossos espaços de desenvolvimento econômico, com melhorias sociais palpáveis, privilegiando os investimentos em educação, saúde pública e a pesquisa científica, consolidando as instituições nacionais e inserindo todos os grupos sociais na construção de uma verdadeira democracia.

Neste momento, percebemos que muitas nações desenvolvidas apresentam interesses em investimentos na economia brasileira, vislumbrando seu imenso potencial energético, seus gigantescos recursos minérios e sua vastidão espacial. Neste cenário, percebemos que está sendo aberta uma grande oportunidade para uma transformação nacional, exigindo um atuação conjunta entre todos os setores públicos e privados, deixando de lado rixas e questões ideológicas ultrapassadas, utilizando deste potencial para exigir e negociar com nossos parceiros internacionais contrapartidas que tragam melhoras substanciais para a sociedade brasileira, exigindo transferência de tecnologias, parceiros nacionais, compras internas e fortes investimentos na economia local, deixando para trás momentos anteriores que governos aceitaram os recursos externos sem cobranças, sem projetos nacionais e sem perspectivas de ganhos posteriores, melhorando as condições de uns em detrimento de outros.

Em todas as nações do mundo que conseguiram alçar o tão sonhado desenvolvimento econômico, o Estado nacional teve um papel central e importantíssimo, negociando com investidores externos e contrapartidas econômicas e produtivas, com geração de empregos e a melhoria na infraestrutura interna, capacitando a sociedade para dar um salto no desenvolvimento econômico, com forte investimento em capital humano, aumento de recursos para pesquisa, ciência e tecnologia, sem isso, o crescimento econômico seria sempre localizado e concentrado em poucos setores da sociedade.

Neste momento, estamos diante de escolhas estratégicas, somos uma nação centrada na desigualdade de renda e de oportunidades, com essa janela de oportunidade que está se abrindo para a sociedade brasileira, precisamos planejar os nossos passos, estudar nossas escolhas, negociar caminhos e compreender o que queremos ser quando crescer.

Mercantilização do mundo

Vivemos momentos de grandes inquietações econômicas e sociais, com impactos generalizados sobre todos os indivíduos, em todas as regiões do mundo, gerando ansiedades e expectativas de melhorias sociais, com grandes transformações no mundo do trabalho, com o surgimento de novas tecnologias que estão moldando os indivíduos, modificando comportamentos humanos e impactando sobre as famílias, os indivíduos e os relacionamentos, criando incertezas, instabilidades crescentes e medos cotidianos.

Nesta sociedade, o mundo contemporâneo estimula um ambiente constante de competição e performance constantes, a concorrência cresce de forma acelerada, o individualismo cresce na comunidade e estamos sempre valorizando os ganhos materiais e os lucros estratosféricos como forma de definirmos o sucesso e a posição social, depois nos assustamos ao percebermos que vivemos numa sociedade apodrecida e fortemente degradada, onde a solidariedade e os valores humanos e civilizacionais estão sendo deixados de lado. Estimulamos uma guerra cotidiana de todos contra todos, vivemos nos matando cotidianamente e acreditando que estamos sobrevivendo num mundo marcado pelo caos e pela ignorância, ledo engano, estamos desaparecendo todos os dias e todos os momentos, perdendo o poder de imaginar, de sonhar e de construir uma sociedade mais igualitária.

Vivemos numa sociedade em que os valores foram alterados rapidamente, os relacionamentos humanos foram transformados, a escolha da profissão nos traz grandes possibilidades, as escolas e as universidades perderam o monopólio do conhecimento, os professores perderam a centralidade, as formas de riqueza foram modificadas e o conceito de uma vida bem sucedida passou por mudanças estruturais. A classe média, sempre vista como um grupo social dotado de conhecimento, de uma civilidade e de cultura geral passou por mudanças perigosas e começou a flertar com um mundo paralelo, rechaçando a ciência e acreditando na meritocracia e se esquecendo da justiça social como cimento de organização social e de bem-estar dos indivíduos. Na sociedade contemporânea, os novos valores cultivados pela comunidade estão centrados no poder do capital, do dinheiro, da acumulação, do imediatismo e do individualismo, estamos valorizando informações desnecessárias e sem consistência, além de estarmos esperando um salvador da pátria, um mártir iluminado para nos retirar de um local que historicamente que nós nos colocamos pelas escolhas equivocadas, esdrúxulas e imediatistas.

Nesta sociedade, percebemos que a ciência está sendo deixada de lado quando as verdades constrangem os donos do poder, neste cenário, as alterações climáticas estão sendo colocadas em xeque por interesses mesquinhos e fundamentalistas daqueles que ganham com esta estrutura econômica e financeira, que patrocinam pesquisas enviesadas para comprovar questões relacionadas ao aquecimento global e as alterações climáticas, mesmo sabendo que, todos os dias, a natureza está mostrando que este modelo econômico e produtivo vai levar o planeta a uma destruição sem precedente.

O poder do imediatismo em detrimento do planejamento de longo prazo está levando os gestores, os agentes políticos e privados, os financistas e os empresários a apoiarem medidas de austeridade, acreditando que estas trarão o ambiente propício para os investimentos produtivos, se esquecendo de que as nações mais desenvolvidas estão mudando suas agendas econômicas e percebendo que esse modelo produtivo é insustentável, gerando degradação do meio ambiente, mais desigualdade social, concentração de renda, polarização política e conflitos sociais, internos e externos, além de guerras fratricidas, conflitos militares e embates comerciais degradantes.

A mercantilização do mundo está gerando conflitos constantes, deixando de lado a construção de uma sociedade mais igualitária, os embates crescem, os preconceitos se escancaram, as violências aumentam, os medos se incrementam e os rancores crescem. Estamos precisando refazer escolhas para aprendermos a convivência saudável.

Ecos da Desglobalização

Vivemos momentos intensos e marcado por grandes transformações econômicas, sociais e geopolíticas, neste cenário a economia internacional tende ao baixo crescimento, com desaceleração dos grandes polos da economia global, levando chineses e norte-americanos a buscarem novas formas de movimentar seus setores produtivos, aumentando os subsídios e os gastos públicos como forma de dinamizar a atividade econômica.

Vivemos momentos de conflitos militares, guerras fratricidas, confrontos culturais nas mais variadas regiões do mundo, movimentando a economia da guerra, com investimentos maciços em armas e tecnologias militares e, ao mesmo tempo, conflitos que geram milhares de mortos, destruição da infraestrutura das nações, devastações de populações, exigindo dos governos nacionais políticas públicas para dirimir as destruições que crassa as suas sociedades.

No cenário econômico, percebemos o aumento das políticas protecionistas de seus Estados Nacionais e o aumento dos subsídios para seus grupos internos como forma de proteger suas estruturas produtivas, garantindo a geração de emprego, salário e renda para seus trabalhadores, criando constrangimentos com outras nações e parceiros comerciais e gerando instabilidades no cenário internacional.

Vivemos momentos de incertezas, levando especialistas a acreditarem no crescimento de movimentos de desglobalização, com animalidades entre as nações, guerras retóricas e agressões diplomáticas que podem culminar em conflitos militares, com consequências inimagináveis para a sociedade global, ainda sabendo, que o potencial destrutivo das armas é crescente e preocupante, que podem criar rastros de devastação de todo planeta e exterminando a vida humana.

Vivemos momentos marcados com fortes ecos de desglobalização, que estão levando os governos de países desenvolvidos a adotarem medidas protecionistas, que anteriormente eram rechaçados e criticadas como forma de fraqueza econômica, desta forma, estamos vivendo momentos extraordinários, levando o pragmatismo a ganhar espaço agenda na economia destas nações. Nos Estados Unidos, arauto do liberalismo econômico, está se distanciando das medidas liberalizantes e defensores do livre comércio, passando a defender abertamente as medidas protecionistas, a injeção de trilhões de dólares para fortalecer empresas nacionais vistas como estratégicas, além de fortes subsídios fiscais e tributários para atraírem empresas transnacionais para seu território, garantindo empresas em solo norte-americano, com criação de empregos internos e incrementando o potencial exportador de sua economia e garantindo a reversão dos déficits crescentes na balança comercial.

A reversão do processo de globalização ou a chamada desglobalização está atrelada as grandes movimentações geopolíticas globais, com a ascensão da economia chinesa e a construção de um novo ambiente internacional, onde podemos definir como um mundo multipolar. Neste novo posicionamento geopolítico da sociedade internacional, percebemos espaços interessantes para algumas nações, dentre elas destacamos o Brasil, que pode aparecer como uma alternativa interessante para aos confrontos geopolíticos e econômicos das potências dominantes.

Neste cenário, podemos vislumbrar novas oportunidades para o Brasil, recentemente uma delegação norte-americana veio visitar o Brasil para que o país possa exportar chips menos sofisticados para os Estados Unidos, com grandes investimentos para a produção local e fortes recursos financeiros, desta forma, os americanos diminuem a dependência das importações dos chips chineses e criem uma cadeia global mais amigável e menos belicosa.

Essas oportunidades estão se abrindo para a sociedade brasileira em um mundo multipolar, novas possibilidades externas podem impulsionar a economia nacional, garantindo novos investimentos produtivos e a geração de empregos de qualidade, que possibilitem novos saltos tecnológicos e uma sofisticação produtiva, deixando de lado um histórico de sermos uma economia exportadora de produtos primários de baixo valor agregado. Neste momento, precisamos repensar a sociedade brasileira, reduzir as polarizações, buscando espaços de reconstrução da economia nacional e retomando os ecos do desenvolvimento econômico.

Desumanidade Cotidiana

Vivemos num momento marcado por grandes desenvolvimentos tecnológicos que estão transformando a sociedade global, criando relações novas entre o espaço e o tempo, como disse, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Um momento marcado pelo crescimento das redes sociais, das alterações produtivas e da comunicação instantânea, onde os seres humanos se sentem, cada vez mais, solitários, amedrontados e marcados pela desesperança, pela incerteza e pela instabilidade.

Neste cenário de fortes transformações tecnológicas, os trabalhadores estão passando por grande reinvenção, a busca de capacitação e requalificação profissional crescem todos os dias, exigindo investimentos crescentes e dedicações cotidianas como forma de acompanhar a aceleração das novas tecnologias, que criam novas formas de geração de riqueza, além de uma cobrança mais intensiva, numa busca insana que impacta todos os seres humanos, uns empregados e outros desempregados, num ritmo frenético que estão motivando desequilíbrios emocionais e desajustes afetivos e psicológicos.

Neste ambiente de fortes alterações econômicas, políticas, culturais e sociais, encontramos uma sociedade mundial cindida e que se compraz com a destruição dos inimigos, muitos deles verdadeiros e outros imaginários, estimulando guerras fratricidas, destruições militares e violências crescentes, nos levando a indagar, diante deste cenário, se somos seres humanos racionais, como defendiam os arautos da economia neoclássica.

No ambiente internacional, percebemos o crescimento dos conflitos bélicos, embarques crescentes de armas, remanejamento de tropas e armamentos militares, levando nações a canalizarem bilhões de dólares para impulsionar os mercados da guerra, desviando recursos imprescindíveis para a melhora das condições de vida de seus povos, criando confrontos internos, violências extremas, exclusões sociais, desempregos elevados e desesperanças inimagináveis, e muitos indivíduos, que vivem numa outra sociedade, estão se perguntando como a violência está crescendo de forma acelerada, afinal, muitos acreditam, erroneamente, que somos um povo pacífico, acolhedor e cordial, como destacou o grande intelectual brasileiro Sérgio Buarque de Holanda.

Internamente, somos uma nação criada e constituída na pilhagem, na exploração e na corrupção cotidiana, mantivemos durante séculos um modelo econômico centrado na explorando dos negros e dos indígenas, convivendo com uma concentração de renda obscena, vivemos numa sociedade centrada em privilégios de poucos, com fortes benefícios, isenções e privilégios tributários, além de recursos monetários e condições sociais de prestígios sociais e de respeitabilidade, seres que vivem em uma verdadeira casta. Em detrimento de uma grande maioria da sociedade, pessoas espoliadas, endividadas, desempregadas, com salários ultrajantes, transporte público degradante, educação de péssima qualidade, sem políticas públicas, sem segurança pública e sem dignidade humana.

Nesta sociedade encontramos imagens assustadoras, guerras nas mais variadas regiões do globo, conflitos sangrentos e violências crescentes, ônibus e trens queimados, bombas sendo disparadas, crianças sendo mortas e uma desumanidade ascendente, onde os seres humanos perdem a capacidade de indignação, com isso, percebemos que a sociedade caminha a passos largos a uma degradação sem precedente, com guerras, agressões e destruições, onde as instituições multilaterais não conseguem garantir melhores condições de convivência pacífica, exigindo uma reestruturação de todos os canais de negociação internacional, como forma de retomar as políticas de desenvolvimento social, fundamentais para a melhora das condições de vida da sociedade internacional.

Neste ambiente de grandes transformações, percebemos que as lideranças estão aquém dos desafios contemporâneos, como as questões relacionadas ao meio ambiente, o incremento da pobreza em todas as regiões, o aumento do crime organizado, as alterações no mundo do emprego e dos modelos de negócios. Todos esses desafios exigem uma visão sistêmica, multidisciplinar e uma visão coletiva, deixando de lado uma visão que domina a sociedade contemporânea marcadas pelo individualismo, pelo imediatismo e centrada no lucro.

Demandas Contemporâneas

Vivemos numa sociedade marcada por constantes turbulências em todas as áreas e setores, novos negócios são criados todos os dias, e muitos são destruídos rapidamente, novas demandas surgem cotidianamente, percebendo novos comportamentos dos consumidores, gerando desafios constantes para empresas e para os empreendimentos, obrigando as corporações a aumentarem as exigências para seus trabalhadores, novas habilidades e novas formas de compreensão dos desafios da sociedade contemporânea.

Neste cenário, o Fórum Econômico Mundial publicou, recentemente, uma pesquisa para compreender as habilidades dos trabalhadores do futuro, as suas exigências, qualificações e suas capacitações, numa sociedade em constantes transformações, com o crescimento dos negócios digitais, as preocupações da sustentabilidade, as urgentes discussões climáticas e as necessidades de reduzir os grandes desequilíbrios sociais que perpassam a sociedade global, gerando confrontos crescentes, terrorismo em todas as regiões, medos e ressentimentos que criam constrangimentos para todos os grupos sociais.

Nesta pesquisa do Fórum Econômico Mundial foram destacadas habilidades comportamentais em detrimento das habilidades técnicas como as grandes exigências do mundo do negócio, onde a pesquisa destacou a capacidade de resolução de problemas complexos, pensamento crítico, criatividade, liderança e gestão de pessoas, trabalho em equipe, além de inteligência emocional, flexibilidade cognitiva, negociação, tomada de decisão e orientação à serviços. Numa nova sociedade como a que estamos vislumbrando, percebemos que o mundo do trabalho prescinde de novos trabalhadores, novas habilidades e capacitações, um mundo marcado por disrupturas, transformações constantes, volatilidades cotidianas, pelas instabilidades crescentes e pelo crescimento de incertezas, como foi destacado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman na obra de referência “Modernidade Líquida”.

Nesta sociedade contemporânea, marcada pela busca constante pelos lucros e ganhos monetários e financeiros, as demandas sobre os profissionais crescem de forma acelerada, exigindo constantes capacitações, cursos de atualização, investimentos em novas especializações, pós-graduações e muito mais, ao mesmo tempo, as valorizações salariais crescem lentamente, os ganhos monetários, da maior parte, estão estagnados, gerando medos constantes em cortes e listas de dispensas, motivando um ambiente de insanidade, de constantes preocupações e incertezas. Sejam bem vindos num mundo marcado pela luta de todos contra todos, um verdadeiro retrocesso civilizacional.

Nesta nova sociedade, profissões estão sendo substituídas cotidianamente, investimentos estão sendo remanejados, empregos estão sendo destruídos, as experiências são deixadas de lado e substituídos por profissionais pouco capacitados e sem experiências, onde empresas estão observando apenas os valores monetários, deixando de lado a reputação e os ganhos imediatos, como se não existisse futuro. Neste cenário, percebemos o crescimento do empreendedorismo forçado, pessoas buscam se recapacitar para sobreviver, os mais experientes são deixados de lado na busca pela sobrevivência, um contrassenso numa sociedade que estimula uma vida longa para os indivíduos e, ao mesmo tempo, rechaça os mais experientes, degrada seus ganhos financeiros e não cria oportunidades para uma velhice com mais dignidade e sabedoria.

Neste momento marcado por grandes disrupturas econômicas e transformações tecnológicas, a educação vem ganhando, cada vez mais importância e centralidade para governos e famílias, levando-os a buscarem modelos educacionais eficientes, construindo novos formatos escolares para a

apreensão do conhecimento e para a consolidação de valores comportamentais significativos para a satisfação das necessidades individuais e coletivas, estimulando o crescimento econômico, o desenvolvimento social e o bem-estar das sociedades.

A pesquisa desenvolvida pelo Fórum Econômico nos traz elementos valiosos para a construção de uma nova empregabilidade para os indivíduos, mas precisamos, antes de mais nada, refletirmos sobre os valores da sociedade contemporânea, que prega valores inatingíveis, espalha individualismo e imediatismo, e defende a meritocracia e o empreendedorismo como forma de melhoria social.

Inquietações Globais

A economia internacional vem vivendo momentos de grandes inquietações, de um lado estamos saindo de uma pandemia que gerou graves constrangimentos sociais, econômicos e políticos, com mais de seis milhões de mortes e graves desequilíbrios emocionais e sentimentais, que impactaram todas as regiões do globo, deixando rastros de destruições generalizadas. Vivemos períodos de alterações geopolíticas, passando de uma sociedade unipolar e atrelada a uma nação dominante, os Estados Unidos, para uma nova configuração geopolítica, com o surgimento de um mundo multipolar, com novos focos de poder e grandes repercussões internacionais.

Depois de milhares de mortes atreladas a pandemia, percebemos momentos de inquietações econômicas e produtivas, a introdução de novos modelos de negócios, o surgimento da inteligência artificial, novas tecnologias e o crescimento dos negócios digitais, neste cenário, percebemos o incremento das incertezas crescentes da economia global, da elevação dos preços, do aumento nas taxas de juros e o crescimento do desemprego estrutural, cujos impactos variados e imprecisos são preocupantes, como será a sociedade mundial nos próximos anos?

Neste cenário, percebemos que os preços estão crescendo em algumas economias, levando seus governos a elevarem os custos do dinheiro, levando as taxas de juros a incrementos crescentes, cujos impactos sobre as respectivas economias são elevados, diminuindo as atividades produtivas e degradando empregos, desta forma, os movimentos internacionais são preocupantes e geram instabilidades que podem gerar retração dos investidores, diminuindo seus investimentos produtivos e reduzindo a geração de empregos.

Recentemente, o Banco Central dos Estados Unidos elevou sua taxa de juros como forma de reduzir as pressões inflacionárias, com impactos generalizados sobre a economia internacional, gerando fuga de dólares, desvalorizando moedas locais e pressões inflacionários que, posteriormente, levando as Autoridades Monetárias a elevarem seus juros internos, prejudicando a recuperação da economia, postergando a geração de emprego e diminuindo a renda agregada, com graves constrangimentos para suas economias e seus setores produtivos.

A elevação das taxas de juros dos Estados Unidos nos mostra, claramente, como o sistema econômico internacional tem grande dependência da moeda norte-americana, dando a este governo um poder muito elevado sobre as outras economias mundiais e a condução da política econômica de outras nações, demonstrando a urgência da reconstrução do sistema econômico e financeiro internacional, diminuindo o poder da economia hegemônica em detrimento de um modelo mais abrangente e democrático, elevando a autonomia das economias nacionais, retomando a capacidade de gestão interna e retomando a soberania de suas economias.

Desde a pandemia, a economia internacional passou a sentir na pele os efeitos deletérios do incremento das taxas de inflação, o crescimento dos preços que fragilizam as populações mais carentes e geram novos desequilíbrios econômicos e financeiros para todos os setores da população, motivando instabilidades políticas crescentes, auxiliando na ascensão de governos autoritários, populistas e antidemocráticos. O aumento inflacionário obriga os governos a elevarem as taxas de juros, reduzindo os investimentos produtivos, aumentando os ganhos de setores parasitários da economia e contribuindo para a piora dos indicadores sociais e agravando as polarizações políticas que crescem em todas as regiões da sociedade global.

Vivemos um momento estratégico da sociedade mundial, com alterações climáticas e desequilíbrios ambientais, crescimento de confrontos militares, com guerras econômicas e comerciais, com corrupção generalizada e com a degradação do trabalho, prejudicando quase todos os indivíduos da sociedade globalizada, mas não podemos perder de vista que, dentre os grandes desafios contemporâneos, fazem-se necessários combatermos os desequilíbrios sociais, a hipocrisia, a soberba e a ambição humana que crassa no coração dos defensores do individualismo, do imediatismo e do lucro exasperado.

Ilusões econômicas

Vivemos momentos de grandes discussões patrocinadas por indivíduos especialistas em tudo, as redes sociais estão inaugurando conhecimentos desconhecidos, anteriormente as discussões coletivas estavam relacionadas com a escalação da seleção brasileira, agora as coisas estão cada vez mais sofisticadas, encontramos discussões sobre as questões jurídicas, as questões políticas , questões relacionadas a doenças e tratamentos médicos e as questões econômicas, todos somos especialistas em tudo, emitindo pareceres, relatórios e somos catedráticos de todas as coisas.

Destas discussões cotidianas, encontramos discussões sobre as receitas econômicas para resolvermos problemas que convivemos desde os tempos imemoráveis, desequilíbrios estruturais que estão nas raízes de nosso nascimento como país, emitimos opiniões, cancelamos aqueles que pensam diferentes e acreditamos que somos democráticos e prezamos pela liberdade de expressão, nos esquecemos que numa sociedade marcada por desequilíbrios variados, marcados por pobrezas generalizadas, riquezas centradas em espoliações e explorações cotidianas, falar sobre democracia é algo imprudente, precisamos compreender as nossas raízes, nossos atrasos e, principalmente aquilo que queremos ser num futuro imediato, o tempo urge e as decisões estratégicas estão sendo pouca discutidas, infelizmente.

Neste cenário, vivenciamos um momento de grandes transformações no meio ambiente, o clima está em polvorosa, estamos numa transformação estrutural climática que tende afetar todas as regiões do planeta, podendo levar regiões prósperas e dotadas de grandes riquezas materiais a um cenário de devastações constantes, desertos, enchentes, terremotos e devastações ambientais, todas essas consequências estão atreladas a escolhas anteriores, políticas patrocinadas por toda a comunidade internacional visando o crescimento econômico e o desenvolvimento das nações, com impactos sobre todos os indivíduos e para a comunidade. Se esse foi o intuito dos responsáveis por essas políticas anteriores, os resultados na sociedade contemporânea são outros, vivemos uma sociedade marcada pelo individualismo, o imediatismo e a busca crescente dos prazeres materiais como se estes fossem os grandes objetivos do homem racional, definidos pelos chamados economistas ortodoxos.

Vivemos momentos de ilusões econômicas, acreditamos na meritocracia como forma de alavancar o crescimento econômico e produtivo e nos esquecemos de que vivemos numa sociedade centrada na desigualdade crescente dos indivíduos, onde uma pequena casta de privilegiados e bem-nascidos conseguem ascender no panteão no conforto, nos luxos e das influências políticas e econômicas.

Vivemos numa sociedade centrada nas ilusões econômicas, acreditando que a austeridade deve levar o equilíbrio das contas públicas e a reconstruir das finanças governamentais, reduzindo os repasses públicos para os mais humildes e deixando de lado os vultosos subsídios dos grandes donos do poder político e econômico, se esquecendo que os grandes ganhadores destas políticas são os privilegiados dos banquetes da miséria da classe trabalhadora, que se rastejam para garantir recursos mínimos e se acreditam empreendedores e inovadores…

Vivemos em momentos de grandes ilusões econômicas acreditando no discurso empreendedor dos donos do poder, esperando uma ideia revolucionária e inovadora como forma de se transformar em patrão de si mesmo, se esquecendo que esse modelo econômico foi cunhado para reproduzir privilégios, garantindo taxas de juros estratosféricas, taxação inexistente e subsídios elevados para os grandes donos do poder e para seus prepostos ganhadores desta sociedade marcada por exclusão social e subdesenvolvimento, perpetuando uma exploração estrutural.

Vivemos numa sociedade que nos acostumamos todos os dias com a degradação, com as expropriações constantes, da educação degradada, das violências cotidianas e das discussões equivocadas e nos acreditamos como seres cordiais, solidários, caridosos e empreendedores, mas na verdade, somos uma sociedade sem alma, estamos nos desumanizando cotidianamente, vivendo sem horizontes claros e quando nos olharmos no espelho, nós nos assustaremos com a nossa imagem refletida.

Brics

As constantes transformações na sociedade internacional exigem uma visão estratégica, centrada na consciência de suas potencialidades, suas dificuldades estruturais e os anseios sobre o futuro imediato, desta forma, precisamos reconstruir novos espaços de comércio mundial, retomando acordos estratégicos e uma ação mais efetiva no novo cenário geopolítico, marcado por atores ascendentes e desafios incomensuráveis para todas as nações.

Neste momento, percebemos que o eixo de poder global está em constante alteração, as nações que regiam o concerto internacional, os países ocidentais desenvolvidos, estão perdendo espaço na comunidade mundial, suas estruturas industriais vem perdendo espaço, muitas nações estão se desindustrializando, com isso, percebemos a criação de novas oportunidades e grandes desafios, exigindo uma visão mais articulada, mais audaciosa e grande ousadia, desenvolvendo projetos econômicos consistentes, fortalecimento a unidade política, desenvolvendo uma visão estratégica, compreendendo as instabilidades e incertezas do mundo, as nações precisam correr riscos, afinal estamos numa sociedade em constante transformação.

Neste cenário, percebemos os espaços abertos com o crescimento e o fortalecimento do bloco dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que nasceu como um acrônimo criado por um economista de um grande banco de investimento, Goldman Sachs, John O' Neil, que criou a expressão se referindo aos chamados países baleias, que tinham em comum grandes extensões territoriais, alto contingente populacional e que, segundo esse teórico, seriam as economias que dominariam a economia no século XXI. Deste acrônimo, os países criaram o Bloco dos Brics, com sede na China e ganhou relevância da economia internacional, força política e importância estratégica e geoestratégica, lembrando-os que neste grupo, estão os chineses, vistos como a maior economia do mundo em paridade de poder de compra, ultrapassando a economia norte-americana.

Neste encontro, foram aceitos novos membros no bloco dos Brics, passando a ser vistos como o Brics Plus, onde foram incorporados Argentina, Egito, Arábia Saudita, Emirados Árabes, Etiópia e Irã, desta forma, o bloco ganhou musculatura e se espalhou para outras regiões do mundo, lembrando que além destes países que ganharam assento nos Brics mais de trinta outras nações demonstraram interesses em participar deste bloco renovado, angariando poder no cenário global e aumentando a maior influência política em questões internacionais e demonstrando que estamos vivendo uma sociedade multipolar, se distanciando de uma visão unilateral e centradas nos interesses das nações ocidentais desenvolvidas, que dominaram a sociedade internacional desde a Revolução Industrial, impondo seus valores, seus interesses financeiros, sua visão cultural e destacando o poder de sua moeda e de sua estrutura bélica, como forma de dominação e hegemonia.

A ascensão dos Brics no cenário internacional nos mostra novos horizontes de investimentos produtivos, novos valores e novas culturais nacionais, exigindo, ao mesmo tempo, uma visão geoestratégica mais consistente, grande capacidade de negociação política, incrementando novas agendas e menos atreladas as potências ocidentais.

Neste momento da sociedade internacional, marcada por grandes transformações e desafios, é imprescindível e urgente, que cada nação construa um projeto coerente para compreendermos os desafios do mundo contemporâneo, deixando de lado conflitos degradantes e discussões intermináveis sem sentido e que prejudicam o futuro da sociedade brasileira, precisamos de lideranças competentes e grande potencial de vislumbrar as reais necessidades da população. É fundamental construirmos uma sociedade mais igualitária, com novos horizontes de ascensão social, com uma educação de qualidade

para todos os cidadãos, com uma tributação justa e rejeitando um sentimento que foi muito bem destacado por Nelson Rodrigues quando descreveu o viralatismo da elite nacional que contribuem para a manutenção da estagnação econômica e dos nossos ultrajantes indicadores sociais.

Globalização, Inovação e Rupturas

Vivemos em momentos de grandes alterações geradas pelo processo de globalização econômica, com inúmeras rupturas, incertezas e instabilidades, que impactam fortemente sobre todos os indivíduos, organizações e Estados Nacionais. Nestes movimentos crescentes de rupturas, os atores econômicos e produtivos precisam se atualizar rapidamente, desenvolvendo novas tecnologias, novos modelos de negócios, novas estratégias de inovação, tudo isso, como forma de sobrevivência, afinal, muitas organizações que eram vistas como líderes e empresas inovadores, ficaram para trás, foram substituídas por outras empresas e inauguraram novos modelos de negócios, lembram da Olivetti, da Kodak, dentre outras…

Um dos grandes atores das transformações das últimas décadas é a globalização da economia global, que pode ser visto como um conjunto de modificações em curso na sociedade internacional, motivada pelo crescimento da tecnologia, da abertura das economias nacionais e o incremento da competição entre todos os atores econômicos e produtivos, tais como empresas, indivíduos e Estados Nacionais. Os impactos destas alterações não se restringem apenas as questões econômicas e produtivas, a globalização gera fortes transformações das questões políticas, alterando o mundo do trabalho, alterando as motivações dos indivíduos e estimula uma sociedade, cada vez mais individualista e imediatista, com consequências cotidianas.

As transformações geradas pela globalização da economia mundial estão exigindo reestruturações constantes em seus instrumentos econômicos e estratégicos, levando as organizações a fortes investimentos em tecnologias e capacitações constantes de seus trabalhadores, reduzindo custos produtivos e os preços relativos como forma de aumentar as vendas, além de fortes investimentos em marketing, em planejamento estratégico e no incremento do valor agregado dos produtos e dos serviços.

Neste ambiente, destacamos as alterações em curso nos modelos de negócios, novos produtos, novas pesquisas para compreenderem os desafios e os anseios dos consumidores, além da busca constante pela compreensão dos rumos da economia internacional, uma sólida bagagem cultural sobre outras nações e civilizações, num ambiente marcado por grandes incertezas e instabilidades que exigem habilidades novas, não apenas técnicas mais comportamentais.

As organizações estão passando por grandes transformações em decorrência da globalização, que impactaram fortemente sobre os conceitos de tempo e de espaço, criando novas formas de agregar valor a seus produtos, fortalecendo suas estratégias internas e externas para competir com os novos atores globais, onde percebemos a existência de grandes e novos oligopólios mundiais que dominam o mercado internacional, definindo as margens de lucros, os investimentos em tecnologias, de inovações e da sofisticação produtiva.

Vivemos num momento marcado por grandes rupturas, o mundo novo que surgirá destas novas transformações contemporâneas é impossível se vislumbrar neste momento, percebemos apenas movimentos, uns mais claros e outros mais opacos. A educação, pode ser vista como a chave da sociedade contemporânea, mas não sabemos claramente quais são os rumos desta nova sociedade, vivemos num mundo marcado por grandes disrupturas, centrados no desenvolvimento tecnológico, do incremento do mundo digital, das incertezas e das instabilidades.

Neste ambiente marcado por grandes transformações e rupturas, os governos nacionais que conseguiram construir novos horizontes e vislumbraram novas perspectivas para seus cidadãos, foram

aqueles que investiram intensamente em educação e em capital humano, com fortes recursos para a pesquisa científica e novos modelos de negócios trazidos pela revolução tecnológica, preservando seu meio ambiente, valorizando a ciência e o conhecimento científico, rechaçando o negacionismo e deixando de lado discussões estéreis e desnecessárias, que estimulam conflitos políticos e conversas intermináveis que levam a perpetuação dos inúmeros atrasos que caracterizam a sociedade brasileira, desta forma, percebemos que quando as ideias morrem no mundo, elas persistem no Brasil.

Movimentações Geopolíticas

Vivemos momentos de grandes apreensões na sociedade internacional, momentos de conflitos militares, golpes de Estado e grandes incertezas geopolíticas, além de inúmeras transformações no cenário econômico e produtivo, onde destacamos o papel da tecnologia como instrumento de reconfiguração econômica, política e geopolítica, forçando as nações a reverem estratégias e novas formas de planejamento, sob pena de perderem seus espaços na comunidade internacional.

Vivemos cotidianamente destacando que vivemos numa era centrada do conhecimento e da informação, todos os momentos somos impulsionados por dados e novas notícias em todos os cantos da comunidade global e, ao mesmo tempo, nos esquecemos que entre os discursos e as práticas efetivas existem um longo caminho, na construção de políticas públicas eficientes para melhorar as condições de vida das sociedades, angariar novos investimentos produtivos e novas perspectivas no mundo do conhecimento.

Neste cenário, percebemos grandes confrontos internacionais, não apenas nos campos bélico e militar, mas nos campos econômico e diplomático, onde as medidas protecionistas adotadas pelas potências econômicas se espalham para todos os setores sensíveis para seu crescimento produtivo. Neste ambiente, vivemos num momento de discurso pretensamente liberal e medidas fortemente protecionistas, onde as grandes potências econômicas constroem inúmeras medidas para protegerem seus setores produtivos internos e rechaçarem o crescimento de seus concorrentes, vide as medidas adotadas atualmente nos setores de semicondutores, de novas tecnologias e baterias elétricas, setores que podem reconfigurar o poder do século XXI levando governos ditos liberais de adotarem medidas altamente protecionistas.

Neste ambiente, as nações estão se movimentando para fortalecer seus setores produtivos, buscando novos ambiente geopolíticos, novas parcerias econômicas e produtivas, fortalecendo seus setores industriais e a reconstrução de seus setores produtivos, como forma de angariar espaços nos hiatos econômicos internacionais. Neste novo momento, percebemos a diminuição do poderia global dos Estados Unidos, a perda de poder relativa de sua moeda no cenário internacional, o fortalecimento de novos atores geopolíticos e uma reconfiguração do poder internacional, gerando novos desafios e, ao mesmo tempo, novas oportunidade para todos aqueles que conseguirem compreender os novos desenhos geopolíticos globais.

Neste ambiente externo, marcado por grandes transformações geopolíticas e geoestratégicas, as nações com históricos de subalternidades permanecerão perpetuamente submissas e dependentes neste cenário global, se mantendo importadores de tecnologias e exportadores de produtos de baixo valor agregado, abrindo mão de seu potencial, seu espírito inovador e sua capacidade empreendedora, sendo sempre vistos como vassalos dos centros de poder, um novo colonialismo.

Muitas nações conseguiram se desenvolver economicamente se utilizando de sua forte capacidade estratégica para atrair investimentos privados, negociando seu dinâmico mercado interno como forma de atração, investindo em ciência, pesquisas e desenvolvimento tecnológico, desta forma, conseguiram acessar esse mercado promissor, fomentando empresas dotadas de grande inovação e tecnologia, conseguindo competir com os grandes atores internacionais, garantindo uma melhora interna, gerando empregos promissores, angariando sensíveis melhoras educacionais e passando a vislumbrar novas

perspectivas para a sociedade, deixando de um passado exportador de matéria prima para desenvolver tecnologias altamente sofisticadas.

As movimentações geopolíticas em curso na sociedade internacional está abrindo novos horizontes e novas perspectivas de crescimento econômico para as nações que conseguirem aliar um forte projeto de nação e uma noção clara dos desafios contemporâneos, com investimentos substanciais em capital humano, em pesquisa científica, políticas públicas na área da saúde e numa agenda ambiental progressista, deixando para trás uma agenda atrasada, retrógrada, reacionária, marcada por discussões vulgares, centradas em confrontos sociais e polarizações, olhando os interesses de alguns poucos privilegiados, garantindo isenções fiscais e fomentando matanças, conflitos sociais e pobrezas generalizadas.

Desempenho Positivo

A economia brasileira apresentou melhoras significativas neste ano, os indicadores macroeconômicos apresentados recentemente nos mostram avanços significativos, o ambiente macroeconômico apresentou um desempenho positivo, expectativas interessantes, embora saibamos que são grandes os desafios futuros, gerando comemoração por parte do governo e um alívio no cenário nacional.

A inflação, que vem assolando a sociedade brasileira a alguns anos, está em franca diminuição, as taxas de juros estão sendo reduzidas, embora muito lentamente, percebemos alguns suspiros no varejo, melhora nas vendas, os saldos das contas externas estão melhorando sensivelmente, os investimentos produtivos estão em recuperação, os níveis de desemprego estão caindo, as reformas importantes para o ambiente econômico estão avançando e as perspectivas da economia brasileira estão melhorando.

A economia brasileira apresentou momentos de grandes incertezas e instabilidades desde os anos 1980, combinando momentos de crescimento econômico tímido, crescimento dos preços e fortes retrações nos setores produtivos. Neste momento, caracterizado por grandes volatilidades nos indicadores econômicos internacionais, nosso dinamismo produtivo perdeu espaço no cenário global, a competição externa cresceu de forma acelerada, impactando sobre sua estrutura econômica, perdendo o potencial industrial acumulado anteriormente e nos levou a se caracterizar como uma nação exportadora de produtos agrícolas de baixo valor agregado, tudo contribuiu ativamente para a piora das condições sociais, aumento da degradação do emprego e da precarização do trabalho, impactando negativamente sobre a violência urbana e a desigualdade.

Sabemos que as condições econômicas são ainda precárias, os indicadores ainda apresentam graves distúrbios e necessitam de um redesenho das políticas públicas para recolocar a economia em um cenário de crescimento econômico, vivemos um momento de melhoras, que contribuem para melhorar o ambiente social e adotar políticas efetivas para reduzirmos as polarizações políticas que precarizam as condições de sobrevivência das camadas mais fragilizadas e estimulam um cenário de conflitos crescentes dos grupos sociais, inviabilizando investimentos produtivos externos e internos, fundamentais para a recuperação da economia.

Importante destacar ainda, uma rápida melhora das discussões econômicas, deixando de lado políticas eleitoreiras, desonerações inconsistentes e empréstimos consignados fraudulentos, para a adoção de uma conversação mais adulta, mais madura e imediata, trazendo à pauta discussões econômicas urgentes, referentes às questões tributárias e as políticas fiscais, com a construção de um novo arcabouço fiscal, em substituição ao anterior que limitava o crescimento da economia, além de uma questão sensível para os donos do poder financeiro no país, a proposta da tributação de grandes fundos exclusivos e equiparando-os as regras tributárias entre fundos fechados e abertos.

Destacando as discussões referentes a problemas cotidianos da sociedade brasileira, reconstruindo as políticas públicas que são cruciais para a diminuição da pobreza e da indigência de uma parte substancial da população, retomando projetos de infraestrutura, reconstrução de políticas culturais e refazendo setores ligados as chamadas economias criativas, que estimulam o ambiente da inovação e do empreendedorismo, que podem potencializar o crescimento da economia nacional, deixando de lado conflitos desnecessários com países parceiros, cujo potencial pode auxiliar novos horizontes econômicos, novos investimentos em setores estratégicos, que podem impulsionar a sociedade brasileira num futuro imediato.

Vivemos num momento de mudanças constantes, retomar o crescimento deve ser visto como algo importante e fundamental, mas devemos compreender que os desafios são imensos, as comemorações devem ser deixadas de lado, afinal temos que reconstruir a educação, a saúde pública, a segurança pública, o ambiente de negócio, as pesquisas científicas, dentre outras. Chegamos no momento de escolhas difíceis e substanciais, que sempre foram postergadas, sem estas continuaremos perpetuando nossa dependência e desnudando nossa eterna subserviência.

Criptomoedas

Constantemente destacamos as grandes transformações da sociedade contemporânea, onde todas as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais estão passando por grandes alterações, gerando novos modelos de negócios, novos comportamentos, novas formas de riqueza e novos desafios para toda a comunidade. Nesta sociedade, percebemos o surgimento, cotidianamente, de novos conceitos, novas profissões, novas carreiras e novas oportunidades, exigindo dos indivíduos uma constante transformação, onde os trabalhadores estão tendo que se reinventar todos os dias, sob pena de exclusão social, desemprego estrutural e desesperanças, tudo isso, contribuem ativamente para os medos contemporâneos.

O mundo da tecnologia exige novas estruturas sociais, novas e constantes transformações na educação, desenvolvimento de políticas públicas e instrumentos efetivos de atuação dos setores privados como forma auxiliar da redução dos desequilíbrios crescentes da sociedade, estimulando para que a cooperação ganhe o espaço desta concorrência desenfreada, que beneficiam apenas os detentores dos recursos monetários, das influências políticas e contribuem ativamente para a perpetuação das desigualdades que se espalham na sociedade global.

Neste cenário, os bancos e o sistema financeiro nacional passaram por grandes alterações nas últimas décadas, com o surgimento de novas formas de moedas e novos instrumentos de acumulação de riqueza, recursos monetários, criptomoedas, mineradores, moedas digitais, NFTs, Bitcoins, Open Banking, Ethereum, Blockchaim, bancos digitais, startups, fintechs, dentre eles… Todas estas inovações estão trazendo novos desafios para as Autoridades Monetárias, os chamados Bancos Centrais, responsáveis pela política monetária, o controle do sistema bancário, das taxas de juros e das questões relacionadas a política cambial. Todas estas transformações no mercado financeiro estão gerando constrangimentos para as economias, reduzindo o poder das Autoridades Monetárias, pressionando o surgimento de novos padrões monetários, além da possível redução do poder da moeda norte-americana, o dólar.

As criptomoedas podem ser definidas de forma diferente pelas variadas instituições financeiras, mas podem ser definidas como qualquer forma de moeda que existe digital ou virtualmente e usa criptografia para garantir a realização de transações, destacando ainda que as criptomoedas não têm uma autoridade central de emissão ou regulação, se utilizando de um sistema descentralizado para registrar transações e emitir novas unidades. Desta forma, percebemos que os Bancos Centrais, as chamadas Autoridades Monetárias, com o crescimento das criptomoedas, perdem espaço de regulação e, automaticamente, perdem poder dentro dos sistemas financeiro e monetário, com isso, percebemos que estas instituições resistem ao crescimento do mercado das criptomoedas.

O capitalismo se caracteriza por grandes transformações e inovações constantes, todos os momentos estamos sendo convidados a participar de uma grande revolução, com impactos variados para todos os agentes econômicos e produtivos, com impactos sobre os trabalhadores, os gestores e para todos os consumidores, alterando seus comportamentos, suas necessidades e seus desafios.

Vivemos num momento de grandes alterações dos paradigmas, modificações crescentes e instantâneas, o mundo imaterial vem ganhando relevância em detrimento do mundo material, levando as pessoas a se assustarem com a poder das grandes transformações em curso na sociedade.

Nestas transformações percebemos que estamos bastante distantes dos centros de difusão de novas tecnologias, somos apenas consumidores deste novo ambiente global de inovação, desta forma

conseguimos perceber as nossas limitações do mundo da tecnologia. Enquanto as nações mais avançadas do mundo estão discutindo questões sobre processadores de alta geração, investindo fortemente em educação e em novas tecnologias e pesquisas científicas em novas formas de geração de energia, estamos gastando energias vitais em discussões intermináveis e infrutíferas. Já passou da hora de iniciarmos as discussões mais importantes da sociedade brasileira, canalizando esforços para o combate à pobreza e da desigualdade.

Concorrência e Competição

Vivemos numa sociedade marcada por grandes competições entre todos os agentes econômicos, políticos e sociais, onde a concorrência se transformou na tônica da sociedade contemporânea, neste ambiente, marcado pelo incremento do individualismo, do imediatismo e na busca frenética pelos ganhos monetários, percebemos que a sociedade vem perdendo valores fundamentais para a construção de uma sociabilidade mais consistente, abandonando a solidariedade, a compaixão, a honestidade, a lealdade e a harmonia. A ausência destes valores civilizacionais está no centro das dificuldades da sociedade contemporânea, que estimula a malandragem, o ódio, o ressentimento, a exclusão e a violência que crassa a sociedade.

A estrutura produtiva estimula a competição como espaço de desenvolvimento e como forma de crescimento econômico, acreditando que a concorrência entre todos os atores econômicos faz com que a comunidade se desenvolva, as estruturas econômicas cresçam, melhorando as condições sociais e criando oportunidades para os indivíduos, garantindo novos horizontes para os seres humanos.

A competição entre os atores econômicos pode ser muito positiva para a sociedade, garantindo que todos os indivíduos mostrem todas as suas potencialidades, garantindo espaços para os crescimentos individual e coletivo. O grande problema desta concorrência constante ou deste incremento da competição nesta sociedade é que, numa comunidade altamente desigual e com a ausência de oportunidades para uma parte substancial da sociedade, esta competição crescente acaba degradando as estruturas sociais, econômicas e políticas, gerando cada vez mais exclusões, fomentando desigualdades que caracterizam a sociedade contemporânea, elevando as violências, os medos e as desesperanças.

A concorrência e a competição que caracterizam a sociedade mundial, deveriam estimular a cooperação dos agentes econômicos e sociais, levando-os a trabalharem para reduzir os desequilíbrios na sociedade global, somando esforços para combater o aquecimento global, levando as nações e as comunidades, de todas as vertentes culturais , a colaborarem para acabar com os conflitos militares que geram constrangimentos para todas as regiões, levando a milhões de mortos, destruições na infraestrutura das nações, afastando familiares e criando rancores e ressentimentos.

A globalização da economia criou novos instrumentos de integração entre as nações, o desenvolvimento da tecnologia fortaleceu os processos de interligação entre as comunidades, criando espaços de solidariedade, fortalecendo a harmonia entre as nações mas, percebemos que o crescimento desta competição desenfreada está degradando muitas nações, criando uma concorrência constante, estimulando o individualismo e as incertezas sociais, adoramos o mercado de consumo globalizado marcado por altas tecnologias disruptivas mas, ao mesmo tempo, rechaçamos as mudanças no mundo do trabalho, que fortalecem empregos temporários, com ausência de benefícios sociais e ocupações precarizadas.

A cooperação pode abrir novos horizontes para a comunidade internacional, levando as nações mais desenvolvidas a adotarem políticas de inclusão e de desenvolvimento, respeitando a sustentabilidade e o respeito ao meio ambiente, além de rejeitar os conflitos militares cujas destruições degradam as relações entre as nações, levando os países a respeitar a soberania entre os povos e apagando das memórias recentes de exploração constantes, que contribuíram na construção de um hiato crescente entre países desenvolvidos e nações paupérrimas, onde a concorrência e a competição desigual foi o instrumento para angariar seus enriquecimentos em detrimento da degradação, das desigualdades e das desesperanças entre os países que convivem perpetuamente com condições indignas.

Cooperar deve ser o verbo utilizado para a melhoria da sociedade internacional contemporânea, desta forma, poderemos construir novas bases para a sociedade mundial, onde os valores imediatistas e individualistas devem ser reescritos para os desafios do mundo contemporâneo. Os desafios são elevados e os valores prescindem, urgentemente, de cooperação, respeito e solidariedade.

Desaceleração Chinesa

Vivemos momentos interessantes e altamente complexos. As movimentações econômicas e políticas podem gerar crescimento econômico, melhorando as condições de vida da população, aumentando a renda agregada e, ao mesmo tempo, podendo fragilizar os indicadores econômicos e postergar a recuperação produtiva, gerando desafios e oportunidades novas.

Depois da pandemia, que vitimou mais de 6 milhões de cidadãos globais, com grande desaceleração econômica e fragilização produtiva, com conflitos constantes e instabilidades políticas, a economia retomou seu crescimento econômico, com melhoras significativas, mas percebemos que a recuperação está perdendo força, regiões inteiras estão com dificuldades de aumentar seus investimentos, com altas dívidas internas, endividamento crescentes de empresas, aumento de custos energéticos e, ao mesmo tempo, muitas nações estão aumentando seus gastos militares em detrimento de recursos públicos em setores sociais, com isso, a sociedade percebe o aumento das reclamações, as inseguranças, o a incremento da violência urbana, xenofobias, ódios e ressentimentos.

Depois de forte crescimento econômico desde o final dos anos 1990, a economia chinesa vem perdendo dinamismo, a geração de emprego diminuiu, as massas salariais perderam a pujança, as exportações que sempre foram vistas como um diferencial chinês vem perdendo espaço, gerando instabilidades no mercado interno, preocupações nos anos futuros e incertezas políticas, afinal, estamos numa sociedade onde o Estado Nacional tem um papel central como agente planejador e responsável pelas estratégias desenvolvidas na nação. Neste cenário, as incertezas internas da economia chinesa geram graves constrangimentos para a economia internacional, afinal, estamos falando do maior exportador mundial e a segunda maior economia do mundo, sua desaceleração tem impacto sobre todas as regiões globais, com menores investimentos, com redução de empregos e fragilizando a renda mundial.

A desaceleração da economia chinesa está ligada aos desequilíbrios gerados pela pandemia, que gerou graves desajustes na estrutura produtiva internacional, levando as economias a aumentarem suas taxas de juros para combater a inflação, que vitimou variadas nações e obrigaram os governos a adotarem políticas monetárias restritivas. Acrescentamos ainda, os custos gerados pela guerra entre Rússia e Ucrânia, que impactaram fortemente sobre os preços dos alimentos, das energias e dos combustíveis, levando a Europa a mergulharem a crises constantes em seu setor industrial, baixo crescimento, instabilidades econômicas e gerando insatisfações políticas.

Nos Estados Unidos, percebemos no período pós pandemia fortes incentivos fiscais e financeiros para estimular a retomada econômica, com forte incremento dos preços relativos e aumento inflacionário, gerando juros mais elevados e instabilidades dos setores produtivos, desta forma percebemos uma economia muito instável e com baixa capacidade de movimentar o sistema econômico e produtivo. Neste cenário, percebemos que a desaceleração econômica se espalha para as economias ocidentais, diminuindo a demanda interna, aumentando as instabilidades da renda agregada e impactos generalizados sobre a economia chinesa, reduzindo suas exportações e perdendo a capacidade de movimentar a economia internacional, papel desempenhado pela nação oriental desde o final do século anterior.

Vivemos numa economia altamente interligada e interdependente, encontramos eixos constantes de integração, as dificuldades internas diminuem as demandas externas, dificultando as exportações, reduzindo o dinamismo econômico e limitando o crescimento da nação, reduzindo a capacidade da

estrutura econômica, postergando investimentos, inviabilizando novos empregos e retardando a recuperação produtiva.

Neste momento de incertezas crescentes, a economia mundial se olha para o dinamismo chinês, buscando soluções globais e crescimento econômico, pressionando seus governos a estimularem novos investimentos, como forma de evitar o marasmo econômico e evitando que o ambiente externo, tão preocupante, possa reverter essa situação de estagnação que aprofunda as desigualdades que crescem na contemporaneidade e geram medos e instabilidades cotidianas.

Revolução Financeira

Neste espaço, constantemente discutimos as grandes transformações em curso na sociedade contemporânea. Vivemos momentos de destruições criadoras, como destacou o economista austríaco, Joseph Schumpeter, responsável por conceitos fundamentais para compreendermos as grandes alterações econômicas, seus impactos sobre o mundo do negócio, as formas de sociabilização, as reflexões referentes a democracia e as questões políticas, todas estas transformações estão criando um mundo novo, mais integrado, mais competitivo, com mais riquezas e, ao mesmo tempo, mais inseguro, mais desigual, mais violento, e com maior potencial de destruição.

Uma das grandes características da sociedade contemporânea é a revolução financeira em curso na sociedade internacional, surgindo novos produtos no mundo das finanças, onde destacamos conceitos novos com fortes repercussões em todas as regiões do mundo, tais como criptomoedas, blockchain, Open Banking, moedas digitais, bitcoin, token, fintechs, plataformas digitais, dentre outros. Estes conceitos ganharam relevâncias e estão no centro das grandes transformações da revolução financeira, que ganharam importância no período da pandemia de Covid – 19, que alterou as bases da sociedade, gerando novos modelos de negócios, compras virtuais, criptoativos, ou seja, estamos vivendo uma verdadeira revolução financeira.

As fintechs, instituições que disponibilizam serviços na área financeira, tendem a crescer fortemente na economia internacional, mas sabemos que esse modelo de negócio não deve engolir os bancos tradicionais, mas deve estimular o incremento da competição, forçando uma maior concorrência entre as organizações, trazendo benefícios para toda a comunidade, com o aumento do crédito e a taxa de juros mais atrativas, gerando espaços para o aumento dos investimentos produtivos e melhora dos ambiente de negócios.

A revolução financeira em curso na sociedade global está transformando comportamentos arraigados na comunidade, criando novas formas de relacionamento entre o dinheiro e o ser humano, levando-os a buscarem novos conhecimentos do mundo das finanças, buscando a compreensão dos desafios nos investimentos, fazendo com que as informações bancárias e financeiros estejam disponíveis em seus smartphones, fazendo trabalhos e liberações que anteriormente eram feitas pelos funcionários das instituições bancárias, com isso, essa revolução financeira nos traz a possibilidade de termos mais autonomia e maior planejamento, que com a introdução do Open Bankimg, exigirá uma maior profissionalização da gestão de suas respectivas finanças individuais.

Essa revolução financeira está trazendo novos elementos importantes para compreendermos o mundo contemporâneo, o mundo das finanças está sempre envolto em fortes competições, imediatismo e a busca crescente dos ganhos materiais e financeiros, levando as pessoas e as organizações a buscarem ganhos extraordinários e lucros imediatistas, levando muitos grupos a adotarem medidas degradantes, estimulando fraudes financeiras e levando-nos a crises, que em uma economia marcada pela crescente globalização, seus impactos se espalham para toda a economia internacional, vide as consequências da crise imobiliária dos Estados Unidos.

Vivemos momentos de grandes inovações, o mundo financeiro vem ganhando relevância em toda a sociedade global, o poder das finanças está moldando o mundo contemporâneo, alterando o comportamento humano, aumentando a competição e transformando os indivíduos, levando-nos a uma busca crescente de ganhos materiais, transformando a educação, a saúde e a segurança como espaços crescentes de rentismo, onde as escolas buscam maiores ganhos monetários e perdem seu sentido verdadeiro na formação profissional e na construção de valores sociais, onde a saúde se

transformou num espaço de acumulação desenfreada de lucros dos grupos privados, onde os acionistas controlam a gestão, angariando ganhos substanciais, muitas vezes as custas de péssimos serviços, diminuindo investimentos, se apropriando dos órgãos reguladores e se perpetuando via porta giratória, perpetuando desigualdades, violências variadas, estimulando pobreza e indignidade humanas.

A Era da Insegurança

Vivemos momentos de grandes transformações na sociedade internacional, neste momento de alterações crescentes que eram vistos como sólidos e consistentes estão sendo modificados, sentimentos estão se esvaindo, modelos de negócios foram devastados, setores econômicos estão em franca decadência, relacionamentos sólidos perdem espaço e amores estão sendo cada vez mais vistos como líquidos, como diz o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, gerando incertezas, instabilidades e depressões constantes.

Neste ambiente, percebemos que vivemos numa sociedade marcada por grandes inseguranças, as transformações do mundo do trabalho estão gerando medos crescentes, desesperanças e conflitos internos, culminando em depressões, ansiedades e fortes instabilidades emocionais.

Estamos vislumbrando uma sociedade marcada por poucas certezas e grandes incertezas, dominadas por sensações de medo e de desesperança, que crescem em todas as regiões do mundo, anteriormente as inseguranças eram normais nos países pobres e miseráveis, na contemporaneidade, essa sensação se espalhou também para todas as nações desenvolvidas. Neste cenário centrado em desajustes elevados, carecemos de proteção e de segurança, com isso, os medos contemporâneos nos levam a abraçar ideias salvadoras, filosofias religiosas pouco confiáveis, abraçando informações falsas, equivocadas e espalhando fake news, desta forma, nossos medos se tornam cada vez mais patológicos, mais degradantes e com potencial de criar conflitos maiores, com polarizações políticas e graves constrangimentos para a vivência e a convivência em sociedade.

As grandes transformações na economia internacional, que culminaram na globalização da economia, responsável pelo aumento da competição e pelo incremento da concorrência, estas rápidas alterações estão fragilizando os valores humanistas, degradando a ética, reduzindo a solidariedade, o respeito, a cooperação entre os cidadãos e a responsabilidade social e ambiental. Dessa forma, o incremento da insegurança está dominando a sociedade contemporânea, transformando os indivíduos em pessoas cada vez mais individualistas, que se preocupam única e exclusivamente por defender seus interesses imediatos, olhando seus ganhos monetários e financeiros e, desta forma, contribuindo ativamente para a degradação dos laços sociais, criando uma verdadeira guerra de todos contra todos.

Vivemos amedrontados com os conflitos militares que espalharam na sociedade internacional, tememos os fenômenos naturais, as catástrofes geradas pela pandemia, os receios do desemprego, do terrorismo e das exclusões do cotidiano. Como consequência, intensificamos nossa qualificação profissional, buscando atualizações e capacitações cotidianas, nos fechando em casas e residências fortemente equipadas, com sistemas de segurança, câmeras sofisticadas e filmagens em todos os locais, mesmo assim, a sensação de insegurança é crescente e nos levam a grandes constrangimentos.

Nessa sociedade marcada pela insegurança, os laços sociais se reduzem, os vínculos humanos estão em constantes fragilizações, os relacionamentos amorosos estão em franca degradação, os amores são líquidos e não criam vínculos mais consistentes, os indivíduos querem apenas relacionamentos rápidos e prazeres imediatos, com isso, percebemos na sociedade contemporânea uma fuga crescente de relacionamentos mais sólidos e consistentes, para alguns especialistas ao criarmos vínculos com outras pessoas, corremos o risco de se decepcionar, podendo gerar constrangimentos íntimos, ansiedades e depressões.

As razões destas degradações da sociedade são variadas e seus impactos são elevados e geram fortes constrangimentos para todos os indivíduos, as alterações geradas pela tecnologia da informação estão

motivando muitas destas transformações, que estão reconfigurando o mercado de trabalho e trazendo graves mudanças no mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, as redes sociais ou antissociais criam a sensação de que estamos cercados de amigos e seguidores, ledo engano, somos cada vez mais monitorados, sem privacidade, atolados em dívidas, trabalhando cada vez mais, estamos na era da insegurança e da degradação da saúde física, mental e espiritual.

Alívio Econômico

A economia brasileira vem padecendo de baixo crescimento econômico desde meados dos anos 1980, depois de forte crescimento da estrutura produtiva nas décadas anteriores, o país perdeu o dinamismo, perdeu espaços na economia internacional, fragilizando sua estrutura industrial, mergulhando em taxas elevadas de inflação e que culminaram em políticas de estabilização, austeridade fiscal, baixo crescimento econômico e incremento da desigualdade social, com aumento da exclusão social, com crescimento das drogas e a explosão da violência em todas as regiões, vide a Cracolândia que cresce de forma acelerada, gerando desafios e prescindem de políticas públicas planejadas e organizadas.

Vivemos numa sociedade altamente integrada, onde as estruturas econômicas e produtivas estão interligadas, o crescimento tecnológico está moldando uma nova sociedade, com novos modelos de negócios, centrados nas novas plataformas de comunicação, novos instrumentos de marketing, com o incremento da inteligência artificial, das biotecnologias, demandando profissionais altamente capacitados, flexíveis, dinâmicos, dotados de inteligência emocional e fortemente engajados nos desafios que crescem cotidianamente, vide os desafios criados com o surgimento do ChatGPT, que estão transformando setores e exigindo uma constante atualização.

Neste ambiente, percebemos que a economia brasileira vem demonstrando melhoras constantes, embora acreditemos que os avanços sejam tímidos, uma sensível redução dos combustíveis, com taxas de inflação demostrando sinais claros de redução sistemática, a moeda nacional apresentou forte valorização, atraindo moedas externas, impactando sobre os preços internos e um incremento da renda dos trabalhadores.

Destacamos ainda, os avanços da reforma tributária, que surgem para simplificar os impostos, além dos avanços do arcabouço fiscal, uma medida tão aguardado pelo chamado mercado e foram bem vistos pelos donos do dinheiro, com isso, percebemos que os índices de confiança da economia nacional apresentaram números positivos, com aumento dos investimentos externos e as tratativas de novos investimentos, que estão em alta crescente e as perspectivas se apresentam positivas, vide as investidas de empresas chinesas que estão buscando o mercado brasileiro, inicialmente no setor automobilístico e eletroeletrônico e, posteriormente, outros setores econômicos, demonstrando que o país está voltando para os círculos de investimentos internacionais, depois de anos de escassez de recursos externos e pouco investimento produtivo, aonde recebíamos apenas grandes levas de investimentos financeiros que vinham para angariar ganhos com nossa taxa de juros escorchantes.

Neste momento, percebemos que existe uma reconfiguração do poder global, estamos percebendo o nascimento de um mundo multipolar, onde os eixos econômicos estão saindo das nações desenvolvidas ocidentais para os países asiáticos, que ganharam novas estruturas econômicas e produtivas, passaram a competir com as nações ocidentais e passaram a ganhar espaço na nova configuração da economia internacional, marcada por forte concorrência externa, grandes investimentos em ciência e tecnologia, maciços dispêndios nos setores educacionais e melhora na estrutura produtiva, saindo de nações exportadoras de produtos primários de baixo valor agregado para uma estrutura mais tecnológica, centradas em produtos industrializados e dotadas de mercadorias de alto valor agregado.

Numa economia altamente concorrencial, marcada pelos fortes investimentos em tecnologia, educação e inovação, onde os Estados Nacionais usam todos os instrumentos para fomentar seus setores econômicos e produtivos, como estamos vendo nos países desenvolvidos que despejam trilhões de dólares para fortalecer seus setores produtivos, faz-se necessário que as economias estejam estabilizadas, estimulando a confiança e a credibilidade, para atrair novos investimentos internos e externos, desta forma, percebemos que a melhora econômica da economia brasileira pode abrir novos horizontes para investimentos e melhorar o ambiente de negócio, deixando de ser vistos como um pária internacional e retomando um lugar de destaque no cenário internacional.

Tempos Estranhos

Vivemos momentos estranhos na sociedade internacional. Os valores estão invertidos, os ganhos monetários e financeiros se tornaram o grande objetivo social, onde os indivíduos estão sendo vistos através de seu poderio econômico, os valores estão centrados no imediatismo, no individualismo e na busca frenética pelas riquezas materiais, deixando de lado valores centrados no humanismo, na solidariedade e na busca do bem-estar social, desta forma estamos caminhando a passos largos a uma fragilização civilizacional.

Nesta sociedade, encontramos descobertas científicas e tecnológicas que contribuíram para novos horizontes de melhorias sociais, doenças vistas como incuráveis, responsáveis por ceifar milhões de vidas, foram controladas por novas drogas, novos medicamentos e tratamentos revolucionários. Regiões inóspitas e inabitadas foram transformadas pela ciência, pelas pesquisas científicas que contribuíram para melhorar o clima e a vegetação, levando a riqueza material, a fartura alimentar e a melhora das condições de vida da população, deixando a pobreza e a indigência nos registros dos livros e nas anotações acadêmicas.

Vivemos numa sociedade que a tecnologia se transformou no agente instrumental da transformação social e econômica, trazendo uma aproximação física entre os indivíduos, aumentando a comunicação entre os seres humanos, barateando novos produtos, máquinas e serviços que estão revolucionando as relações sociais, alterando o convívio das pessoas, mudando seus comportamentos, modificando seus relacionamentos e impactando sobre as convenções sociais, criando novos modelos de negócios, novos desafios e oportunidades. Nesta sociedade, encontramos várias contradições, tais como uma tecnologia que nos aproxima virtualmente e, ao mesmo tempo, nos torna cada vez mais distantes fisicamente, mais solitários e infelizes, num verdadeiro paradoxo contemporâneo.

A atual sociedade revolucionou as descobertas espaciais, levando satélites, criando estações estelares e investindo trilhões de dólares para conhecer os segredos planetários e, ao mesmo tempo, percebemos que estamos se degradando com conflitos íntimos e pessoais, trabalhamos em excesso, acumulamos cada vez menos recursos monetários e estamos envoltos em crises existenciais crescentes e numa busca generalizada pelo sentido da vida, levando muitas pessoas a se entregarem em soluções milagrosas e elixires mágicos que, posteriormente, aumentam sua indigência emocional e afetiva. Neste cenário, os especialistas em saúde pública acreditam que estamos vivendo um incremento de desequilíbrios emocionais e espirituais, com aumento da depressão, das ansiedades crescentes e um aumento generalizado dos suicídios diretos e indiretos, ceifando milhões de pessoas em todas as regiões do mundo.

Desde o desenvolvimento industrial da humanidade, encontramos novas técnicas de gestão, novos instrumentos de incremento da produtividade, elevando o conhecimento da sociedade, melhorando os sistemas educacionais e, ao mesmo tempo, percebemos que estamos degradando mais efetivamente o meio ambiente, levando inúmeras espécies humanas à extinção, aumentamos a temperatura do Planeta Terra e estamos degradando regiões inteiras e plantações tradicionais, gerando riquezas para poucos e espalhando a miséria e a indigência para muitas pessoas do mundo, neste cenário, ainda encontramos inúmeros céticos, por desconhecimento ou por conveniência?

Vivemos momentos preocupantes e tempos estranhos, como destacou o sociólogo polonês radicado em Londres Zygmunt Bauman, onde as tecnologias da comunicação estão sendo utilizadas para espalhar inverdades e ressentimentos, aumentando os conflitos sociais e políticos, aumentando as tensões sociais e os conflitos dentro das comunidades, exigindo dos governos nacionais uma atitude

cada vez mais agressiva para controlar os desequilíbrios, gerando mais repressões, mais prisões e mais dispêndios econômicos e fragilizando os orçamentos públicos.

Vivemos momentos estanhos, assustadores e preocupantes, neste cenário, precisamos de lideranças capacitadas e, urgentemente, repensar o modelo econômico dominante na sociedade brasileira, que estimular o rentismo, o imediatismo e o individualismo que aprofundam as desigualdades que caracterizam a sociedade nacional.

Quase trinta anos depois

O começo de julho completou quase trinta anos do Plano Real, um plano de estabilização monetária que trouxe grandes alterações na economia brasileira, gerando algum tipo de estabilidade, melhora nos indicadores de preços e o incremento do ambiente de negócio, efetivando a redução dos preços que assolavam a economia nacional a décadas, atraindo novas formas de investimento, deixando claro nossos horizontes e os novos desafios para a sociedade brasileira.

Neste mês estamos comemorando quase trinta anos de sucesso no controle inflacionário, embora encontremos muitos especialistas que duvidem deste sucesso, as taxas de inflação caíram sensivelmente, trazendo suspiros e sonhos de que a economia brasileira se consolidassem de forma mais efetiva como uma das economias mais pujantes, se caracterizando como uma das maiores economias mundiais, donas de um potencial invejável, com espaços de crescimento econômico e, posteriormente, nos levando a vislumbrar a possiblidade, concreta, de seu desenvolvimento econômico, com melhorias substanciais para a população, impulsionando o bem-estar social e deixando para trás anos de subdesenvolvimento e heranças coloniais degradantes.

No começo dos anos 1990, a sociedade brasileira era vitimada por taxas elevadas de inflação e degradação do poder de compra da moeda, contribuindo efetivamente para a vergonhosa concentração de renda da sociedade nacional, onde os grandes setores econômicos e produtivos conseguiam se defender das taxas elevadas de inflação, garantindo ganhos reais, em contrapartida, uma parte substancial da população tinham suas rendas e salários mensais degradados pela elevada inflação, reduzindo seus rendimentos e contribuindo ativamente para que as condições de vida e de desigualdade fossem mais precárias.

O Plano Real pode ser visto como uma engenharia financeira muito sofisticada. Inicialmente, o governo dialogou constantemente com os setores econômicos e políticos, deixando de lado as medidas drásticas que foram utilizadas anteriormente, que distorcia o comportamento dos agentes econômicos e contribuíram para gerar desconfiança e descrédito. De outro lado, o Plano buscou um equilíbrio fiscal e, num próximo momento, inaugurou uma nova moeda, o Real, que substituiu a moeda anterior, marcada por grande depreciação e a perda crescente de poder de compra.

O Plano Real trouxe grandes transformações na economia brasileira, a estabilização monetária permitiu uma melhora da situação econômica, atraindo grandes fluxos financeiros para os sistemas produtivos, valorizando a moeda nascente e valorizando demasiadamente o câmbio, facilitando a importação, atraindo novos investidores e prejudicando os setores exportadores, contribuindo ativamente para o processo que vivemos na contemporaneidade, de desindustrialização da economia brasileira.

O câmbio valorizado trouxe grandes investimentos externos, melhorando o ambiente econômico, atraindo empresas internacionais, mas contribuiu, negativamente para fortalecer nosso potencial exportador de produtos industrializados, levando a economia nacional a uma desindustrialização.

Embora a desindustrialização não seja uma característica apenas da economia brasileira, grande parte das economias ocidentais perderam força de seus setores industriais e garantiram aos países asiáticos novos espaços na economia internacional, levando esses países a liderarem setores industriais no cenário global, onde destacamos a China, Coréia do Sul, Taiwan, dentre outras nações.

O câmbio valorizado contribuiu para reduzir os preços internos e contribuíram para debelar a forte inflação, mas levou a economia nacional a perder espaço na indústria global, muitas empresas tradicionais foram vendidas ou foram anexados por conglomerados internacionais, perdendo o dinamismo industrial, levando-nos a um caso único na economia mundial, de uma nação que se desindustrializou sem ter conhecido um setor industrial de ponta, ficamos mais uma vez, pelo caminho e fomos ultrapassados por outras nações, que na atualidade colhem os louros da industrialização e, novamente, ficamos para trás na competição internacional.

Demanda Insuficiente

A economia brasileira vem passando por grandes alterações conjunturais, programas exitosos internacionalmente foram fragilizados, muitas políticas públicas foram desestruturadas, ausência de investimentos em setores fundamentais para compreender os grandes desafios na sociedade contemporânea, redução de repasses para a saúde e para a educação, ausência de uma estratégia de qualificar e capacitar os trabalhadores vitimados pelo desenvolvimento tecnológico, tudo isso nos leva a compreender, que vivemos num momento de grandes decisões que podem mudar a sociedade num futuro próximo.

Neste momento, percebemos que a economia brasileira carece de políticas consistentes para fortalecer o mercado interno, aumentar a demanda interna, melhorando a empregabilidade da classe trabalhadora, garantindo educação de qualidade para fortalecer os espaços mais dinâmicos numa economia em transformação.

Nestes últimos anos, os governos se preocuparam em reduzir investimentos públicos, piorando as condições de trabalho dos trabalhadores, reduzindo benefícios para todos os setores econômicos, fragilizando as organizações sindicais e diminuindo os gastos públicos em saúde e educação, acreditando que esse era o caminho correto para aumentar os investimentos da economia, alavancando a renda total do sistema econômico, o resultado destas políticas foram exitosas para os donos do poder econômico e financeiro, os indivíduos que vivem do rentismo e do parasitismo do Estado e, em contrapartida, os setores trabalhadores estão digladiando para a sobrevivência cotidiano, com salário aviltantes e cargas de trabalho elevadas, transporte precário, saúde pública em forte degradação e educação de péssima qualidade, neste cenário, encontramos indivíduos defendem a possiblidade de ascensão social, os méritos da meritocracia e a defesa incondicional do empreendedorismo como forma de revolução social.

Vivemos momentos de reconstrução nacional, precisamos reconstruir nossa estrutura industrial, não aquela indústria do século XX, mas a indústria do século XXI, a chamada Indústria 4.0 ou a Quarta Revolução Industrial, incrementando os investimentos maciços em educação de qualidade, fortalecimento o Sistema Único de Saúde (SUS), investindo em ciência e tecnologia, dessa forma, começamos a repensar a sociedade nacional nos próximos anos e deixando de lado picuinhas desnecessárias, conflitos degradantes, corporativismo ultrapassados e interesses individuais, tudo isso está contribuindo ativamente para que a economia brasileira vem se degradando todos os anos, saindo da sexta para a décima segunda posição no cenário econômico mundial.

Precisamos compreender que o país empobreceu na última década, o salário da classe trabalhadora vem se degradando rapidamente, o desemprego vem aumentando a passos largos, a educação vem perdendo a atratividade para os estudantes e os professores perderam a capacidade de estimular o brilho do conhecimento, isso acontece porque as cargas de trabalho são elevadas e seus salários estão em constante degradação, sem educação um país não consegue pintar uma perspectiva de futuro digna e decente para seus concidadãos e acabam perpetuando essa situação de desintegração social, de ressentimentos elevados e ódios generalizados cotidianos.

As teorias econômicas dominantes deveriam retomar as visões da economia como a ciência da escassez, retomando políticas que incrementem a renda da classe trabalhadora, melhorando os salários e renda agregados, dinamizando as políticas públicas para redistribuir a renda, tributando setores que pouco pagam impostos, desta forma, todos os setores sentirão impactados imediatamente, alavancando o consumo, melhorando a renda dos indivíduos, impulsionando a

produção, melhorando o setor de serviços, movimentando os setores econômicos e produtivos e angariando mais recursos para os governos nacionais e financiando as políticas públicas, que são imprescindíveis para melhorar as condições sociais.

As nações que se desenvolveram investiram fortemente em sua população, foram ousados, priorizaram mercado interno e como diz Barbosa Sobrinho “capital se faz em casa”.

Novos Horizontes Econômicos

Vivemos numa sociedade que se altera rapidamente, exigindo dos setores econômicos e produtivos uma constante reinvenção, obrigando-os a compreenderem as transformações em curso, adotando políticas efetivas para se posicionar rapidamente, buscando se antecipar às movimentações das organizações, interpretando todos os passos dos concorrentes e compreendendo os anseios dos consumidores, construindo estratégias dos governos e, ao mesmo tempo, buscando compreender que vivemos numa sociedade centrada na competição, na busca frenética do lucro e da acumulação.

Neste cenário, percebemos novas atuações dos governos nacionais, motivados pela perda de espaço do pensamento neoliberal, embora dominante, que vem perdendo força e dinamismo, exigindo que as sociedades construam novas estratégias e novas formas de planejamento. A perda de poder do pensamento neoliberal está diretamente ligada a crise Imobiliária dos Estados Unidos de 2007/2008 e seus impactos na Europa, além do crescimento econômico chinês e de algumas nações asiáticas e, mais recentemente, da pandemia do coronavírus que vitimou mais de 6 milhões de pessoas na sociedade internacional, tudo isso, está motivando novos horizontes para o pensamento econômico internacional.

Neste cenário, percebemos que os discursos econômicos estão sendo reinterpretados nas economias desenvolvidas, a defesa enfática da abertura econômica, das privatizações, das desregulamentações e a diminuição das intervenções dos governos nacionais estão passando por grandes mudanças, com impactos sobre todas as economias, gerando incertezas e instabilidades crescentes.

Depois de uma defesa pseudoliberal, que pregava a abertura econômica e a diminuição do papel dos Estados Nacionais nas questões econômicas e produtivas, as nações desenvolvidas ocidentais passaram a rever seus conceitos. Atualmente, estas nações estão ensaiando um novo modelo baseado nas políticas públicas centradas em seus governos nacionais, com incremento dos subsídios para os setores produtivos, além de políticas fortemente intervencionistas para defender suas organizações, punindo concorrentes e adotando políticas diferentes das defendidas anteriormente, mostrando o crescimento da flexibilidade ou do pragmatismo quando os assuntos eram os interesses nacionais de seus grandes conglomerados.

Nos anos 1990, estas nações desenvolvidas defendiam políticas neoliberais, rechaçando as intervenções governamentais, vistas como atrasadas e marcadas por fortes traços de corrupção e de ineficiência, esquecendo que em momentos anteriores, seu desenvolvimento foi muito estimulado por políticas industriais lideradas por seus Estados Nacionais. Neste período, os defensores destas políticas adotavam aquilo que o economista coreano, radicado na Inglaterra, Ha-joon Chang chamou de chutando a escada.

Neste momento, está surgindo novos horizontes econômicos na sociedade internacional, os governos nacionais estão ganhando, novamente, novos espaços nas discussões econômicas teóricas internacionais, os subsídios estão sendo retomados em todas as regiões, as políticas intervencionistas estão sendo recriadas e repensadas, levando a retomada de políticas industriais reconstruídas objetivando a reconstrução dos setores industriais, reduzindo as dependências de outras nações, alavancando as exportações, diminuindo as importações e aumentando a soberania nacional.

Nesta nova etapa, as nações estão envoltas em grandes conflitos econômicos e produtivos, a concorrência crescente com as nações asiáticas está levando os países ocidentais a injetarem trilhões de dólares para impulsionar setores estratégicos para a economia do século XXI, protegendo seus

conglomerados, prometendo subsídios para a atração de novas empresas e setores industriais, exigindo uma forte capacidade de compreensão dos rumos que a sociedade internacional está caminhando para as próximas décadas, evitando investimentos em setores cujos retornos são limitados e, em contrapartida, investindo em setores cujos potenciais são elevados e seus retornos são gigantescos para a sociedade.

Neste cenário, precisamos buscar uma estratégia para desenvolver nossas potencialidades, evitando conselhos daqueles que almejam nossas riquezas e contribuírem para nossas desditas, lucrando com nossas injustiças, nossos atrasos institucionais e nosso subdesenvolvimento econômico.

Custos do Conflito

Vivemos momentos de grandes conflitos na sociedade internacional, na história as nações entram em confrontos constantemente, gerando prejuízos incalculáveis, com mortes de milhões de pessoas, destruições da infraestrutura dos países, gerando desesperanças crescentes, degradações emocionais e devastações espirituais. Neste histórico de fortes destruições, como estamos visualizando na contemporaneidade, quais os motivos que levam as nações a conflitos militares, sangrentos e demorados, sabendo que as guerras geram devastações incalculáveis?

Desde fevereiro do ano passado, a sociedade mundial está envolta em mais um conflito militar, com fortes devastações, mortes e desesperanças, levando a humanidade a se perguntarem se somos seres racionais como acreditam os teóricos da teoria econômica dominante? Neste cenário, a racionalidade dos seres humanos defendida pela teoria econômica me parece incapaz de compreender as realidades da humanidade, seus valores e seus comportamentos.

A guerra em curso entre russos e ucranianos está gerando graves constrangimentos para a sociedade internacional, matando milhares de pessoas, destruindo suas casas, devastando suas cidades, degradando as infraestruturas econômicas e produtivas que levaram décadas para ser levantadas, jogando milhões de pessoas para a indignidade, para a pobreza e para a desesperança. A guerra está gerando problemas para todas as nações do globo, enganam aqueles que acreditam que o problema deste conflito é regional e que estamos distantes deste conflito, essa escalada militar está impactando para toda a comunidade internacional, afetando os sonhos dos indivíduos da comunidade mundial e seus impactos são duradouros e devastadores, afetando confiança, credibilidade e valores humanos.

A guerra entre Rússia e Ucrânia está gerando graves constrangimentos para a economia internacional, isso acontece porque vivemos numa sociedade altamente integrada e interdependente, o desenvolvimento tecnológico aumentou a integração entre as nações, as novas tecnologias da comunicação estão alterando os conceitos de espaço e de tempo, desta forma, o conflito em curso está impactando rapidamente para todas as regiões do mundo, todos os grupos sociais e políticos estão sentindo, de uma forma ou de outra, os impactos negativos gerados pelas atividades militares.

Ambos os atores do conflito são produtores de produtos primários, produtores de alimentos, combustíveis, fertilizantes, gás natural, dentre outros, que com a guerra inflacionou essas mercadorias, afetando fortemente as nações europeias, inicialmente e, posteriormente impactando para outras regiões, obrigando seus governos a aumentarem as taxas de juros, com fortes impactos sobre os investimentos, reduzindo a geração de emprego e degradando salários e renda dos trabalhadores, levando os setores produtivos a reduzirem suas vendas e amargando fortes prejuízos, impactando sobre corporações, trabalhadores e governos nacionais.

Neste cenário, os desajustes econômicos estão se espalhando para todas as regiões, levando muitos governos a aumentarem seus subsídios para evitar um colapso econômico, aumentando políticas protecionistas para proteger seus empregos e seus setores econômicos e produtivos, gerando conflitos entre as nações, todos buscando a defesa de seus interesses imediatos, gerando confrontos diplomáticos e reacendendo rancores que podem culminar em conflitos posteriores.

Neste ambiente de conflitos e hostilidades crescentes, poucas nações da sociedade internacional conseguem defender abertamente o encerramento do conflito militar, estimulando conversas entre os

contendores, evitando maiores destruições e uma busca de um instrumento rápido e eficiente para a reconstrução econômica e a superação dos conflitos anteriores que culminaram no conflito.

Percebemos, setores econômicos estimulando e ganhando com o conflito, indiferentes das mortes, das dores e das destruições, empresas angariando somas estrondosas na venda de mísseis e radares militares, governos hegemônicos repassando equipamentos militares para aprofundar o conflito. Espero, fortemente, que não esqueçamos o poderia nuclear e destrutivo de um dos contendores.

Economia Solidária

Estamos vivendo momentos de grandes apreensões, o aumento da concorrência está reformulando as estruturas econômicas e produtivas globais, exigindo movimentações crescentes, estratégias claras e visões sistêmicas para conseguir sobreviver. Nesta nova sociedade, percebemos o crescimento da tecnologia todos os dias, falamos cotidianamente na Inteligência Artificial, na robótica, na Impressão 3D, na Internet das Coisas, além da nanotecnologia, da biotecnologia, as ciências dos materiais, todas impulsionadas pela Indústria 4.0.

Neste cenário, as transformações econômicas estão fomentando novos modelos de negócios, novas formas de organização social e política, estamos percebendo o fortalecimento do conceito de Economia Solidária, que podemos definir como uma forma de produção, consumo e distribuição de riquezas na sociedade, centradas na valorização do ser humano, não apenas do capital, uma verdadeira revolução numa sociedade marcada pelo imediatismo, na concorrência crescente e no imediatismo.

Nesta sociedade, percebemos que a concorrência é sempre algo salutar e nos traz grandes avanços na comunidade, impulsionando novos modelos de negócios e estimulando a geração de riquezas e melhorias no bem-estar da sociedade, mas imprescindível destacar, que esta concorrência é totalmente desigual, de um lado percebemos atores altamente capitalizados e dotados de grande poder financeiro e forças políticas e, de outros, atores fragilizados e com grandes dificuldades de competição, num mercado desigual, centrado nos monopólios ou oligopolizados, centrados no imediatismo e no individualismo, gerando desigualdades crescentes e fortes degradações do meio ambiente.

A ascensão da economia solidária deveria ser vista como um avanço na comunidade internacional, seu modelo de negócio coloca os seres humanos no centro das visões econômicas e produtivas, vislumbrando uma sociedade mais cooperativa, mais solidária e fortemente centradas de convivência harmoniosa, remontando os melhores valores da história das civilizações.

A sociedade internacional vem passado por grandes desafios no século XXI, depois de variadas crises financeiras e alimentares, além das alterações climáticas, percebemos o incremento da pobreza e da indigência, neste cenário, percebemos um profundo questionamento do modelo produtivo convencional em curso na sociedade e das estratégias de desenvolvimento econômico, que beneficia os ricos em detrimento dos grupos mais fragilizados. Há, cada vez mais, o reconhecimento de que o modelo de negócio adotado na economia internacional não pode resolver os principais desafios do desenvolvimento contemporâneo, sendo necessário construir modelos integrados e sustentáveis em todos os níveis, incorporando nestes cenários aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, além de reconhecer as interligações entre os mais variados aspectos da sociedade.

A economia social e solidária tem como objetivo central a proteção do meio ambiente e o fortalecimento econômico e político dos grupos sociais mais desfavorecidos e de outras pessoas e organizações que se preocupam com a justiça social e ambiental, trazendo para a sociedade instrumentos efetivos para as melhoras climáticas e de desenvolvimento sustentável. Neste ambiente, percebemos que a economia solidária deve ser vista como uma alternativa para o capitalismo contemporâneo, infelizmente centrados no imediatismo, na busca crescente dos lucros monetários e centrado no individualismo.

Destacamos ainda, que a economia solidária apresenta um papel diferenciado para as pessoas comuns, mais ativos e dinâmicos nas mais variadas dimensões da vida humana: econômico, social, cultural e

ambiental. Neste novo modelo de negócio, a economia solidária existe em todos os setores da economia – produção, finanças, distribuição, câmbio, consumo e governança. Dessa forma, percebemos que a economia solidária está transformando estruturalmente a teoria econômica convencional.

Economia Solidária, Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente são desafios imensos para inaugurarmos um novo momento da sociedade internacional, para isso, precisamos de valores sólidos, ousadias, lideranças e solidariedades.

Nova Industrialização

As transformações recentes na sociedade internacional estão exigindo o retorno do planejamento e a reconstrução de um novo projeto nacional. Esses desafios estão envoltos em todas as nações, motivados pela pandemia que assolou a sociedade internacional matando mais de seis milhões de pessoas, pela guerra em curso entre Rússia e Ucrânia, impactando sobre as estruturas produtivas globais, pelos grandes desafios gerados pelo incremento tecnológico, onde a inteligência artificial está contribuindo para o aumento das preocupações e das ansiedades dos indivíduos, além das questões referentes ao meio ambiente, natureza e da sustentabilidade, onde muitos desafios prescindem de um grande esforço e participação da comunidade internacional.

Neste momento, nações como o Brasil estão costurando e estruturando um conjunto de políticas para reconstrução industrial, motivando os setores econômicos e produtivos para um desafio de grande relevância, ainda mais, numa sociedade marcada por forte desindustrialização, onde os setores industriais perderam relevância na economia nacional, com repercussões negativas para a estrutura produtiva, redução de empregos industriais e uma forte degradação da renda dos trabalhadores, que culminaram sobre uma fragilização do mercado interno, perda de dinamismo econômico e desagregação dos termos de troca no comércio internacional.

Recentemente, as nações desenvolvidas estão retomando seus projetos de reindustrialização, canalizando recursos para a pesquisa e para a inovação, aumentando a busca por maior autonomia econômica, evitando os efeitos geradas pela pandemia, que demonstraram claramente que muitas economias desenvolvidas perderam espaço na estrutura econômica industrial, se transformando em nações dependentes de outras regiões, neste percurso, os grandes ganhadores foram as economias asiáticas, notadamente a China, Coréia do Sul, Taiwan, dentre outras.

Internamente, os desafios são sempre muito custosos, os recursos dispendidos nesta estratégia devem ser investidos pelo governo nacional, visando uma reconstrução industrial no longo prazo, com recursos subsidiados e taxas de juros condizentes, evitando projetos megalomaníacos e buscando vantagens comparativas que nos dão condições de competir num cenário altamente concorrencial e marcado por grandes conglomerados produtivos, dotados de grandes somas de recursos materiais e forte acesso aos mercados de capital global, cujos custos monetários são reduzidos e seus investidores vislumbram o longo prazo.

Outro grande desafio para a nova industrialização brasileira está na mentalidade de muitos agentes econômicos e produtivos, setores que, muitas vezes, se acostumaram com seus lucros elevados, gerados nos mercados financeiros, remunerados por taxas de juros escorchantes e proibitivas, que contribuíram para pavimentar o crescimento da desigualdade da renda e das oportunidades, que caracterizam a sociedade brasileira e contribuíram para perpetuar as exclusões sociais e as violências generalizadas, características visíveis da sociedade brasileiras.

Neste desafio de reindustrialização da economia brasileira, faz-se necessário elencar setores estratégicos, onde destacamos o complexo econômico da saúde, cujo potencial de crescimento é gigantesco, ladeando outros setores produtivos que poderiam reduzir as importações da área da saúde, complementando as compras governamentais, impulsionado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), cujo potencial de emprego, de renda e de salário são elevados, gerando fortes impactos na economia nacional. Destacamos ainda, nos esforços da nova industrialização, setores como a indústria

da Defesa, além dos setores de máquinas e equipamentos, que possuem, historicamente, capacidade interna instalada, dessa forma, possuem mais capacidade de absorver e internalizar tecnologias.

Vivemos num momento de grandes transformações digitais e de transição energética, todos os esforços da nova industrialização prescindem de estratégias de inclusão social, fortes investimentos em ciência e tecnologia, fomento da pesquisa científica e estímulos crescentes de concorrência internacional. O momento é de decisões estratégicas, combatendo visões entreguistas e subservientes que contribuem para perpetuar nosso atraso civilizacional.

Relação Conflituosa

Vivemos momentos de grandes inquietações. Vivemos momentos de grandes transformações estruturais. Vivemos momentos de desesperanças e preocupações constantes. Vivemos momentos de grandes oportunidades e grandes desafios. Vivemos momentos de conflitos globais, mudanças geopolíticas e guerras devastadoras. Vivemos um momento de lembranças, memórias e saudades crescentes. Vivemos numa sociedade, marcada por poucas certezas e grandes incertezas, onde a economia se transforma, destrói modelos de negócios e, ao mesmo tempo, criam esperanças e realizações.

Neste ambiente, percebemos que os conflitos econômicos se alteram em momentos de cooperação intensa, as nações vivem num cenário de forte integração econômica e produtiva. Os modelos econômicos geram uma interdependência entre governos e sociedade, exigindo uma forte dose de sabedoria nas relações internacionais. Neste cenário, percebemos os conflitos econômicos entre os Estados Unidos e a China gerando impactos sobre toda a economia internacional, criando alianças pontuais, medos e alinhamentos, tudo isso, contribuindo para acirrar as rivalidades.

Nesta sociedade, percebemos que, embora essas nações almejem a hegemonia no mercado internacional, sabemos que são duas nações que estão totalmente integradas e interdependentes uma com a outra, levando os conflitos econômicos e os confrontos políticos para problemas muito além de seus territórios, impactando fortemente para outras regiões e seus parceiros comerciais. Os confrontos econômicos se transformam em conflitos culturais, motivando violências crescentes, xenofobias abertas e agressividades que prescindem de uma diplomacia mais amena e mais construtiva, rechaçando ressentimentos, agressões e ódios generalizados.

A globalização econômica contribuiu ativamente para essa integração produtiva. São nações que se tornaram interdependentes, levando a um aumento do superávit comercial a favor da economia chinesa. Com esse incremento comercial, a China acumula muitos recursos monetários investindo-os maciçamente sobre os títulos norte-americanos, desta forma, as duas economias estão totalmente integradas e interdependentes, uma dependência mútua que prescinde de uma convivência mais harmoniosa. Os Estados Unidos dependem da importação dos produtos industriais chineses e, em contrapartida, a China precisa fortemente do dinamismo do mercado interno norte-americano.

A China possui a maior estrutura industrial do mundo, responsável por mais de 34% da indústria globo, em contrapartida, a economia norte-americana perdeu espaço na indústria global, perdendo empresas e transferindo plantas industriais para as nações asiáticas, notadamente a China, investindo bilhões de dólares na economia chinesa e, para satisfazer as necessidades da sua população, absorvendo bilhões de dólares para garantir o consumo da população norte-americana, gerando uma dependência conjunta entre as duas nações.

Neste cenário, percebemos que os conflitos estão centrados nas questões ligadas à Taiwan, uma região pertencente ao gigante asiático, que almeja sua autonomia, gerando um grande imbróglio que poderia culminar em conflito militar com a entrada dos Estados Unidos neste conflito, defendendo seus interesses gerando instabilidades crescentes na região, uma verdadeira corrida armamentista na Ásia que traria graves constrangimentos para a economia internacional.

Por trás deste conflito, encontramos uma nação, Taiwan, que conseguiu se desenvolver economicamente com fortes investimentos em tecnologia, melhorando as condições de vida de sua população e, neste caminho, angariou uma posição central na economia internacional, desenvolvendo

tecnologias avançadas e ultrassofisticadas na produção de microprocessadores, os chamados Chips, instrumento central no mundo contemporâneo, na chamada sociedade do conhecimento. Neste conflito, o domínio da tecnologia de Taiwan pode ser um diferencial para o incremento tecnológico chinês no setor de microprocessadores, reduzindo a distância entre as nações que buscam a hegemonia internacional.

Embora percebendo que as nações sejam interdependentes e integradas, os conflitos entre nações hegemônicas tendem a criar constrangimentos internacionais, aumentando instabilidades e incertezas. Será que não aprendemos nada com a pandemia?

Pressões do Mercado

Os movimentos econômicos da sociedade contemporânea são interessantes e nos auxiliam a compreender as movimentações da economia brasileira. Neste ambiente, percebemos os conflitos entre a política econômica do governo e os anseios dos agentes dos mercados, que prezam pelos grandes lucros imediatos, pela desestatização, a desregulamentação e a compra de ativos governamentais, levando o governo a diminuir seus anseios de alterações econômicas, gerando uma verdadeira quebra de braço entre atores fundamentais para a retomada do crescimento econômico, um anseio urgente de uma economia que cresce pouco desde os anos 1980, perde oportunidades estratégicas e se apequena nos grandes desafios contemporâneos, gerando instabilidades e incertezas crescentes.

Essas incertezas e instabilidades estão no cerne das dificuldades dos governos, alterando políticas públicas, mediando conflitos políticos e interesses econômicos, levando os governos a perderem legitimidade com a sociedade, postergando mudanças estruturais, buscando apoio em variados grupos políticos, fragilizando suas medidas e contribuindo para gerar fortes constrangimentos na sociedade.

Neste cenário, percebemos duas agendas na sociedade brasileira que se enfrentam cotidianamente, uma mais centrada no Estado Nacional, mais intervencionistas, com incremento das políticas públicas, aumento dos investimentos governamentais e, de outro lado, uma agenda mais liberalizante, defendendo interesses privados, incentivando a privatização de empresas públicas e adotando políticas para que os agentes privados ganhem espaços em detrimento dos governos nacionais. Na verdade, estes conflitos existem a muitas décadas e fazem parte de discussões antigas da economia política, onde economistas e cientistas políticos importantes se digladiam para converter seus oponentes, defendendo seus interesses imediatos e usam suas retóricas para angariar novos públicos, novos seguidores e levando as influências para novas regiões.

Muitos dos contendores deste conflito defendem ideias e pensamentos ultrapassados, usando sua capacidade de convencimento para arregimentar multidões para aumentar seu público, defendendo modelos matemáticos ultrassofisticados que pouco auxiliam na compreensão das realidades da sociedade contemporânea. De outro lado, encontramos defensores de teorias antigas que são vistas como a resolução de nossos atrasos e dificuldades, defendendo modelos antigos e sem capacidade de compreenderem uma sociedade que se modificou por completo, exigindo uma atualização constante de seus pensamentos e de seus valores imediatos.

Neste ambiente, percebemos que muitos grupos econômicos e políticos estão defendendo teorias e comportamentos que não coadunam com a realidade contemporânea. Vivemos num mundo centrado por grandes transformações, nesta sociedade percebemos que todos os modelos e paradigmas que sustentaram a sociedade anterior estão em franca desintegração, os modelos econômicos foram alterados estruturalmente, os modelos de trabalho foram transformados pelo incremento da tecnologia, novos modelos de família estão surgindo e gerando transformações constantes, neste cenário, percebemos alterações nos comportamentos e relações sociais, destruindo paradigmas anteriores que embalaram as vivências sociais durante séculos, ou seja, vivemos num mundo em rápidas alterações, diferentemente dos modelos anteriores e marcadas pela rapidez, pelos grandes desafios e novas oportunidades.

A sociedade contemporânea prescinde de uma visão mais ampla dos agentes sociais e econômicos, deixando seus interesses mesquinhos e imediatistas, combatendo formas degradantes de acumulação,

fortalecendo a governança das organizações, construindo valores de sustentabilidade, protegendo o meio ambiente, investindo em energias alternativas, canalizando recursos financeiros e monetários para os grupos que querem produzir, facilitando a geração de emprego e renda para que os indivíduos tenham acesso a crédito com taxas de juros condizentes com seus empreendimentos, limitando os grupos rentistas e financistas que limitam os recursos dos investimentos produtivos, além de construirmos um ambiente que garanta uma verdadeira justiça tributária. O caminho é tortuoso, nunca esqueçam, mas os maiores desafios estão no campo político.

Comércio Desigual

O processo de globalização da economia aprofundou a interdependência entre as nações, aumentando a integração das estruturas produtivas, aumentando a concorrência entre todos os agentes econômicos, levando as nações a buscarem novos instrumentos de inserção no cenário internacional. Neste novo ambiente econômico, percebemos que os grandes ganhadores desta competição foram as nações asiáticas, principalmente a Coréia do Sul e a China, países que conseguiram dar um salto tecnológico, dominando cadeias produtivas em vários setores, angariando novos investimentos estratégicos, com o crescimento dos dispêndios em educação e um projeto nacional centrado no planejamento do Estado Nacional.

Neste ambiente, essas nações passaram por grandes transformações produtivas, países exportadores de produtos de baixo valor agregado e dependentes de produtos sofisticados foram, paulatinamente, alterando os modelos produtivos, investindo fortemente em capital humano e passaram, num período de quarenta anos, a serem produtores de produtos de alto valor agregado, exportadores de mercadorias sofisticadas e intensivos em tecnologias, com isso, seu capital humano apresentou um incremento salarial, contribuindo para os avanços sociais da sociedade, levando algumas nações a conseguirem acabar com a miséria extrema, melhorando as condições de vida da população e caminhando para a construção de uma nação de renda média, uma transformação pouco vista na história da humanidade num período curto de tempo.

O comércio internacional pode ser visto como um dos instrumentos responsáveis por grandes saltos de desenvolvimento econômico das nações, para isso, esses países investiram fortemente em uma transformação produtiva, canalizando recursos financeiros para a produção, incrementando a produtividade da economia, estimulando a conquista de novos mercados internacionais e fortalecendo as estratégicas diplomáticas para angariar novos parceiros comerciais. Todas estas políticas foram implementadas para angariar novos mercados internacionais, aumentando as exportações, fortalecendo seus setores produtivos e diminuindo a dependência externa de capitais financeiros, na maioria, recursos especulativos que pouco contribuem para o crescimento econômico e geram constrangimentos para as contas externas.

Os países pobres continuam na pobreza porque apresentam grandes limitações estruturais e produtivas, perpetuando sua dependência externa, se eternizando na importação de produtos sofisticados, se concentrando na exportação de produtos primários de baixo valor agregado, com isso, percebemos a perpetuação da dependência dos fluxos financeiros internacionais, que muitas vezes nos levam a manter taxas de juros elevadas para atrair moedas estrangeiras e fechar nossos compromissos financeiros, desta forma criamos uma armadilha que limita nossa soberania nacional.

Numa economia globalizada, como a que vivemos, as nações desenvolvidas estão fortalecendo seus setores produtivos, investindo na sofisticação tecnológica para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, criando riquezas num mundo imaterial como forma de aumentarmos o bem-estar social da população, sem isso, os desequilíbrios tendem a aumentar e intensificar os desajustes internos, levando a desintegração social e conflitos sociais que fragilizam a democracia.

O comércio internacional é um espaço de conflitos constantes, onde os preços das mercadorias são definidos pelos grandes atores econômicos globais. Os grandes conglomerados internacionais trazem em suas retaguardas seus Estados Nacionais, como estamos observando constantemente na sociedade contemporânea, que usam seus instrumentos geopolíticos, sua configuração política e seus

instrumentos financeiros como forma de angariar novos espaços de acumulação, além de fragilizar seus competidores e garantir seus lucros crescentes.

Neste cenário, acreditarmos que conseguiremos o desenvolvimento econômico e conquistarmos melhoras sociais para a sociedade enquanto exportadores de produtos primários de baixo valor agregado é mais uma das falácias que continuam em curso da sociedade brasileira. Sem sofisticação tecnológica, sem investimentos maciços em educação e desenvolvimento das vantagens nacionais, continuaremos sobrevivendo numa linha tênue entre a barbárie e o desespero.

Novos Desafios

Vivemos numa sociedade integrada, interdependente e fortemente concorrencial, marcada por grandes transformações em todas as áreas e setores, com novos modelos de negócios, novas formas de acumulação econômica, alterações no mundo do trabalho, com fortes exigências de qualificação, com capacitação constante e medos crescentes das novas tecnologias, como a inteligência artificial, que abre novos horizontes para o mundo do trabalho, das comunicações e geram calafrios para os trabalhadores, principalmente aqueles que carecem de qualificação.

Neste cenário de fortes transformações constantes, percebemos que as nações estão se movimentando rapidamente para compreenderem os novos rumos e os novos desafios da economia contemporânea. Percebemos o nascimento de uma nova sociedade impulsionada pelo período pós-pandêmico, os novos negócios que estão crescendo rapidamente, as qualificações demandadas na sociedade global, os novos valores da comunidade, neste cenário, são imprescindíveis repensarmos a educação, o conhecimento, a ciência e a pesquisa científica, sua importância como um instrumento de conscientização social e fortalecimento político, na chamada Quarta Revolução Industrial.

No momento atual necessitamos de políticas públicas ousadas e inovadoras, lideranças capacitadas para compreenderem os desafios da sociedade contemporânea, que consigam compreender a importância da educação, com investimentos maciços em energias alternativas, fortalecendo a sustentabilidade, priorizando uma reindustrialização da economia, incentivando novas estruturas industriais, deixando de lado investimentos em energias poluidoras, revendo as isenções fiscais e financeiras que poucos benefícios trazem para a sociedade nacional e servem apenas para engordar os grandes conglomerados econômicos em detrimento da sociedade nacional.

Vivemos num momento que caminha a passos largos para uma sociedade multipolar, onde encontramos polos antagônicos que se digladiam para aumentar seus instrumentos de poder e de influência, neste momento, percebemos que a liderança prescinde de uma nova visão geopolítica, observando os contendores, seus interesses e sua capacidade de negociação, seus recursos disponíveis e a disponibilidade de negociação, vislumbrando interesses nacionais, deixando de lado uma visão subalterna, de subserviência e que contribuem para perpetuar nosso subdesenvolvimento.

Os desafios contemporâneos não são apenas econômicos, somos bombardeados por desafios sociais, políticos e culturais. Esses desafios estão presentes em todas as regiões do mundo, todas as nações sentem na pele que os momentos são desafiadores, exigindo uma união constante entre todos os grupos sociais, deixando de lado seus interesses imediatos em prol de uma sociedade mais consciente, mais equilibrada e centrada em valores mais democráticos e republicanos. Nos últimos anos estamos cultivando conflitos variados, estamos degradando nossa estrutura econômica e produtiva, mantendo e incentivando taxas de juros proibitivas que garantem altos lucros financeiros para setores rentistas e financistas que pouco trazem benefícios para a sociedade nacional. Estamos nos degradando politicamente com uma sociedade fortemente polarizada e destrutiva, cada um dos contendores esforça para gritar mais alto e reverberar sua insanidade, deixando de lado uma sociedade em franca decadência, vivendo de migalhas e esmolas de grupos que motivam estas polarizações e enchem seus bolsos com a degradação da sociedade nacional.

Neste momento de grandes incertezas e instabilidades da sociedade mundial, está na hora de refletirmos sobre a fala do grande físico Albert Einstein: “Fazer todos os dias, as mesmas coisas e esperar resultados diferentes é a maior prova de insanidade”. Nos últimos quarenta anos estamos fazendo o mesmo discurso econômico, arrocho salarial, austeridade fiscal, abertura econômica,

privatização, desindustrialização, desestímulo a produção e o incentivo crescente do rentismo e da agiotagem, dessa forma a nossa economia perdeu o rumo, nossa dívida social aumentou e nossas perspectivas de sucessos ficaram para trás. Será que, como disse Albert Einstein, somos prova de insanidade?

Debates Econômicos

A sociedade internacional vem passando por grandes transformações estruturais com repercussões em todas as regiões, com alterações nos modelos de negócio, alterações no mundo do trabalho, crescimento da concorrência e a necessidade de uma nova agenda ambiental e de sustentabilidade, exigindo variadas mudanças nas políticas públicas e novas formas de configurações nas estruturas de poder global.

Nesta sociedade, percebemos que o debate econômico se concentra no imediatismo e nas questões de indicadores dispersos, os discursos se limitam a questões cotidianas, deixando de lado as reflexões sobre os ecossistemas econômico e produtivo, com isso, todos os agentes políticos e sociais se sentem capacitados a participarem deste debate e dos rumos da economia contemporâneo.

O debate econômico e as grandes questões relevantes para a sociedade contemporânea estão sendo deixados de lado, os especialistas se escasseiam e as conversas se restringem a questões limitadas e enviesadas, se tornando opiniões centradas na defesa dos interesses de grupos detentores dos grandes conglomerados econômicos e produtivos, limitando os debates econômicos, privilegiando os mesmos profissionais e que defendem seus interesses imediatos. Neste cenário, percebemos que os grupos de mídia corporativa abrem espaço para as mesmas opiniões, fugindo dos contrapontos, dos debates e das reflexões críticas.

Os debates econômicos do século XX eram marcados por grandes embates de pensamentos e variadas visões de mundo, onde dois grupos digladiavam com visões diferentes e defendendo teses variadas. Na história do pensamento econômico brasileiro, encontramos o embate entre Roberto Simonsen versus Eugênio Gudin, um defendendo ideias e teses de industrialização da economia brasileira e, de outro lado, as visões de Gudin que defendia a vocação agrícola nacional, embora todos os contendores vislumbravam um Brasil mais sólido e consistente, embora tinham ideias contrárias, todos defendiam um país mais inclusivo, fortalecido, equilibrado e desenvolvido.

No curso dos debates econômicos internacionais destacamos os confrontos intelectuais entre os economistas J. M. Keynes e o austríaco Friedrick Hayek, teóricos conservadores, um mais intervencionista e outro de raiz liberal, responsáveis por grandes confrontos de ideias e de pensamentos. Destes embates, percebemos o nascimento de uma nova sociedade, novas formas de reflexão política, novos horizontes do pensamento econômico, com o surgimento de novas áreas, impulsionando a teoria econômica e contribuindo para criar novas formas de pensamento, de questionamento e desenvolvimento.

Nesta sociedade percebemos que os grandes embates intelectuais foram se escasseando, as batalhas teóricas se reduziram e todos os grandes grupos se perderam e se entregaram pelo poder do chamado mercado, que passam a controlar os indicadores econômicos, controlando as taxas de juros, escolhendo os responsáveis pelas autoridades monetárias e garantindo que seus serviçais voltem para o mercado depois de exercerem cargos de alta remuneração do setor público. Os especialistas chamam isso de, no jargão econômico, de porta giratória, onde funcionários saem dos governos e ganham empregos em grandes instituições financeiras nacionais e internacionais, como prêmio dos préstimos prestados para seus empregadores, com alta remuneração e inúmeros benefícios.

Os debates econômicos contemporâneos se restringem a uma visão limitada e superficial, os grandes confrontos e embates entre teorias econômicas estão cada vez mais distantes, as conversas se restringem ao crescimento do PIB e da inflação, deixando de lado as questões tributárias, evitando

reflexões sobre isenções fiscais que garantem ganhos substanciais para os donos do capital, além de refletir sobre as crescentes desigualdades de renda, além de evitar os abismos financeiros entre os ricos e os pobres. Desta forma, percebemos que os debates econômicos estão distantes da realidade da população, mostrando a irrelevância da ciência econômica para compreendermos as necessidades dos seres humanos.

Comércio Internacional

O comércio internacional sempre foi visto, na história da humanidade, como um dos mais ativos instrumentos de enriquecimento das nações, auxiliando na inserção dos países, levando os governos das mais variadas matizes ideológicas a criarem estratégias mais consistentes, políticas efetivas para alavancar suas estruturas econômicas, visando angariar novos mercados, com acumulação de recursos monetários e auxiliando na construção do desenvolvimento dos países, um sonho acalentado para todas as comunidades desde os primórdios da civilização.

Com o incremento da globalização econômica, com impactos variados para todas as regiões da sociedade internacional, uns países ganharam mais e outros, os ganhos foram menores. Nesta competição, percebemos um grande consenso internacional entre os especialistas, que as economias asiáticas foram as grandes ganhadoras, países como o Japão, a Coréia do Sul e a China, se transformaram num polo de forte crescimento econômico, aumentando seus espaços no comércio internacional, angariando recursos monetários, consolidando empresas e conglomerados econômicos, transformando a região que movimenta a economia internacional, despertando protecionismos, estimulando conflitos econômicos, políticos e geopolíticos, que podem culminar em confrontos militares que podem gerar fortes constrangimentos para a comunidade internacional.

A ascensão de um modelo econômico diferente daquele preconizado pelos países ocidentais vem despertando novas narrativas, novos embates e o crescimento de estudos comparativos que buscam compreender e analisar as trajetórias do desenvolvimento econômico das nações. Neste cenário, percebemos o nascimento de um mundo multipolar, com novas oportunidades, novas perspectivas de negócios e novas estratégias de inserção na economia global.

Neste momento, percebemos os grandes projetos de investimentos preconizados pela economia chinesa, a chamada Rota da Seda, que abarca mais de 140 países, um ambicioso projeto de fortes investimentos em infraestrutura global, criando espaços de comércio internacional, fortalecendo laços de integração econômica e produtiva, além de estimular novos horizontes econômicos para as nações, alavancando as regiões e contribuindo para a melhora da economia global.

Destacamos ainda, as novas negociações internacionais que nascem com a ascensão das economias asiáticas, com novos modelos econômicos, que trazem novos horizontes e novos consensos, além de novos acordos comerciais, revitalizando os canais de financiamento, contribuindo com a abertura de novos espaços para outras moedas e novos instrumentos monetários e financeiros. Mesmo percebendo que essas negociações internacionais demandam algum tempo e novas estratégias e planejamentos globais, percebemos que o fortalecimento do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), conhecido como o “banco dos Brics” que tendem a construir novas oportunidades de negócios com outras moedas, dinamizando essas nações e diminuindo as negociações com a moeda norte-americana. Destacamos ainda, o papel dos EUA impondo sanções econômicas e financeiras para a Rússia, sua exclusão do Sistema Swift gerou incertezas e instabilidades, levando muitas nações a se preocuparem que poderiam ser as próximas nações sancionadas, levando-as a buscarem alternativas ao dólar.

Neste cenário, as nações estão reconfigurando seu papel na economia internacional, buscando a inserção em novos espaços de comércio mundial, mas para isso, faz-se necessário compreender o que queremos nos próximos anos, se queremos ser produtores de produtos de baixo valor agregado ou se almejamos construirmos novos horizontes para sua sociedade, sonhando com uma posição de destaque mundial ou continuaremos com uma soberania limitada, dependente de outras nações e se

continuaremos como colônia de novas metrópoles. Mas, para trilharmos novos caminhos será fundamental escolhermos novos cenários, reduzindo os conflitos internos que crescem a algumas décadas e as polarizações políticas que destroem as bases da comunidade, com incremento das violências, dos medos e das desesperanças. Neste momento, precisamos profissionalizar nosso comércio internacional ou perpetuamos nossa dependência e subserviência externa.

Oportunidades Asiáticas

Constantemente estamos refletindo sobre as grandes dificuldades da sociedade global, conflitos crescentes, aumento da desigualdade, degradação do meio ambiente, desemprego em ascensão, crescimento da tecnologia, dentre outros, que exigem uma participação mais efetivas dos governos nacionais, com políticas públicas mais estruturadas e consistentes, investimentos em infraestrutura, financiamento de pesquisa científica e geração de empregos, além de uma estratégia de reindustrialização da economia, diminuindo a dependência de produtos industrializados importados e uma autonomia política para defender seus interesses nacionais.

Percebemos que os ventos internacionais estão soprando a favor da sociedade nacional, levando-nos a reconfigurar seu papel global e construindo novos espaços geopolíticos, neste cenário estamos observando uma nova consciência sobre as relações internacionais e a importância de reconstruirmos nossa estrutura econômica, buscando novos espaços de atuação, como a economia da saúde, a economia verde, a bioeconomia e as energias limpas, dentre outros setores econômicos e estratégicos que podem impulsionar a sociedade e fortalecer a economia local.

O mundo contemporâneo é marcado por grandes desafios e oportunidades, a concorrência cresce e colocam as nações em constantes confrontos econômicos e geopolíticos, exigindo uma unicidade interna dos agentes políticos e produtivos. Nestes cenários de incertezas e instabilidades, as empresas buscam apoios internos, recursos financeiros subsidiados e proteção externa como forma de sobrevivência e angariar espaços em mercados internacionais. As nações que não compreenderem as novas regras do cenário global e continuarem defendendo ideias ultrapassadas serão destruídas no cenário de competição exacerbada.

A ascensão asiática nos traz grandes ensinamentos para economias como a brasileira. Como compreender as grandes transformações de nações que eram marcadas por uma economia de sobrevivência, centradas em produtos de baixo valor agregado e população pouco qualificada e que, num período de menos de quarenta anos, conseguiram revolucionar sua estrutura produtiva, investindo fortemente em educação de qualidade, incentivos monetários para seus atores internos, com crédito farto e taxas de juros reduzidas e cobranças crescentes para angariar espaços econômicos internacionais e ainda, devemos destacar as pressões feitas pelos governos nacionais para que empresas estrangeiras, ao se instalassem, transferissem tecnologias avançadas.

Sem essas políticas públicas, dificilmente essas nações conseguiriam ostentar dados econômicos surpreendentes, com taxas elevadas de industrialização, com forte capacidade de produção de produtos de alto valor agregado, com forte valorização da ciência e da tecnologia, com desemprego baixo e renda per capita em ascensão.

Na contemporaneidade, as políticas adotadas anteriormente pelos países asiáticos se tornariam mais difíceis, as instituições globais restringem essas políticas e impõem limitações, com isso, as nações devem utilizar políticas ousadas para auxiliar na reconstrução das economias. No caso brasileiro, precisamos utilizar um ativo fundamental para o desenvolvimento econômico, precisamos fomentar o mercado interno, fortalecendo um universo de mais de duzentos milhões de pessoas sedentos de consumo e fonte de grandes lucros para atores externos e internos.

Neste momento, é fundamental uma política externa soberana, sólida e centrada em valores democráticos, assertivos e de inclusão social, negociando com outras nações a transferência de tecnologias, aprendendo com países que estão mais avançados, barganhando conhecimentos,

recrutando profissionais altamente qualificados que fugiram do Brasil, valorizando a ciência e reestruturando as políticas de estímulo ao desenvolvimento tecnológico, transformando-as em políticas de Estado, garantindo recursos sólidos e consistentes, utilizando a Amazônia como um espaço de fortalecimento da ciência nacional e deixando de lado uma visão ultrapassada de pilhagem, de exploração e de destruição.

Neste momento, percebemos que as mudanças geopolíticas são imensas, novas lideranças, novos projetos e novos horizontes, precisamos de novas experiências, novos valores e precisamos renovar nossas esperanças.

Mundo Multipolar

Vivemos momentos de grandes alterações nas estruturas econômicas e produtivas, com impactos generalizados por todas as regiões, um ambiente centrado numa crescente concorrência, novos modelos de negócios, predominância da internet e da economia digital, além de fortes transformações no mundo do trabalho. Anteriormente, as discussões sobre a tecnologia e o emprego preocupavam os trabalhadores pouco qualificados, na contemporaneidade os trabalhadores mais qualificados sentem na pele a substituição pela inteligência artificial, pelos universos criados pelo ChapGPT, uma verdadeira revolução nos costumes, comportamentos, hábitos, gerando medos, receios, reações agressivas e preocupantes.

Neste cenário de fortes transformações geopolíticas, percebemos o surgimento e a consolidação de um mundo multipolar, novos atores globais estão ganhando poder econômico e força política, levando as nações hegemônicas a terem que repensar seus comportamentos, seus valores e suas formas de atuação nos cenários internacionais. Desde o desaparecimento da União Soviética, os Estados Unidos passaram a dominar todos os eixos da economia internacional, domínio tecnológico, controle militar, avançado poder científico, além do controle da moeda internacional, sólida estrutura econômica e forte influência cultural sobre todas as regiões do mundo.

Na contemporaneidade, percebemos movimentos internacionais interessantes, surgem novas lideranças globais, novos polos tecnológicos, novos modelos de negócios e, com isso, percebemos os conflitos geopolíticos em franco crescimento. Os Estados Unidos não conseguem controlar as outras nações, tendo dificuldade de impor seus ganhos econômicos, seus valores e interesses políticos, desta forma, percebemos os conflitos com outros países, estimulando confrontos bélicos e militares, espaço que domina com maestria, lembrando-os que seus gastos militares são os mais elevados do mundo, sendo que seu orçamento ultrapassa mais 900 bilhões de dólares, quase metade do PIB brasileiro.

Neste novo momento, estamos vivenciando o surgimento da ascensão chinesa, uma economia que ganhou relevância no cenário internacional desde 1980, saindo de uma economia intermediária para se colocar como a segunda maior economia global, responsável por quase 34% da estrutura industrial mundial, dono de grande desenvolvimento tecnológico, fortes incentivos em ciência e pesquisa científica, onde encontramos muitos setores mais avançados que os norte-americanos, além de fortes superávits comerciais e acúmulos de trilhões de dólares de reservas monetárias internacionais, com isso, percebemos um forte constrangimento para as nações ocidentais, países que controlaram a economia internacional desde o século XVIII, e que passam a retomar o controle dos rumos da quarta revolução industrial.

Desde os anos 1990, os Estados Unidos dominam a sociedade internacional, impondo seus interesses, provocando conflitos militares e estimulando movimentos de outras nações, buscando impor seus valores, seus comportamentos e interesses monetários, usando seu poder monetário, sua moeda e seu sistema financeiro como forma de manter sua hegemonia, impondo suas teses econômicas, incentivando seu liberalismo, estimulando as privatizações e a redução do Estado na economia, teses que, na maioria da vezes, não eram seguidas como eram preconizadas, escondendo medidas protecionistas, intervencionistas para enganar os incautos.

O surgimento de um mundo multipolar, como o que estamos percebendo, exige forte atuação dos governos nos cenários internacionais, novas negociações globais, estimulando discussões geopolíticas, a construção de estratégias mais elaboradas e que vislumbrem o médio e o longo prazo das sociedades, além de reflexões nacionais, estimulando as universidades e os centros de pesquisas para

construírem um novo cenário, mais sólido e consistente, deixando de lado uma visão imediatista, individualista e centrada nos interesses coletivos, retomando valores de civilidade, valorizando o meio ambiente, a sustentabilidade e buscando a construção de novas esperanças, sem isso, novamente continuaremos nos vendendo para os poderes dominantes que vibram e estimulam uma visão subdesenvolvida, atrasada, dependente e subalterna.

Economia Travada

Depois de um forte crescimento econômico em grande parte do século XX, a economia brasileira vem convivendo com taxas reduzidas de crescimento desde os anos oitenta, com altas taxas de inflação e forte endividamento externo, levando a economia a aumentar as vulnerabilidades sociais, incrementando as desigualdades de renda e salário, além do aumento da violência urbana, degradação das condições de trabalho, subemprego e desesperanças.

Neste período, a economia brasileira se acostumou com crescimento econômico decepcionante, com forte degradação de sua estrutura produtiva, fragilização industrial, incremento da intermediação financeira, redução dos investimentos produtivos e degradação das condições de trabalho, com isso, percebemos uma piora da qualidade dos empregos, cargas de trabalhos elevadas, salários reduzidos e a fuga de inúmeras empresas, levando a economia a perder o dinamismo, gerando uma forte desintegração social como a que estamos vivenciando na contemporaneidade.

Neste cenário, percebemos o crescimento acelerado das atividades financeiras, os grandes conglomerados bancários estão acumulando lucros estratosféricos, criando uma estrutura oligopolizada, onde poucos atores econômicos e financeiros controlam a estrutura produtiva, controlando a política monetária, dominando a Autoridade Monetária e pressionando o poder político. O poder econômico passou a controlar a sociedade, os governos e as políticas públicas, neste cenário, dominado pelo rentismo, ministros, grandes empresários e políticos influentes mantem seus recursos em paraísos fiscais, sem pagar impostos e exaltam a economia da picaretagem.

Neste momento, estamos vislumbrando uma economia travada, com perspectivas de manutenção de baixo crescimento econômico, sem investimentos produtivos, sem credibilidade, sem confiabilidade e as vésperas de um arrocho de crédito, cujos impactos sobre o sistema econômico são preocupantes. O desemprego está aumentando, em janeiro de 2023 passou 8,4%, os especialistas acreditam que os números de desempregos nacional são muito piores, se somarmos os informais, os desalentados e os desempregados encontraremos mais de 18,7%, dados preocupantes e necessitam de medidas urgentes de estímulo ao crescimento.

Dados alarmantes estão surgindo todos os dias, neste momento as empresas não-financeiras passam por dificuldades em seus balanços, mais de 70% de empresas de capital aberto apresentam grande alavancagem. Se essa situação preocupante predominar nas empresas maiores, imagine as dificuldades que estão passando as micro, pequenas e médias empresas que não possuem acesso ao sistema financeiro e para sobreviver aceitam pagar juros escorchantes, inviabilizando sua sobrevivência e levando-as a insolvência nos próximos anos.

Sem investimentos públicos a economia brasileira não vai começar sua recuperação econômica, depois de anos de contração, alguns acreditam, equivocadamente, que essa recuperação deveria ser capitaneada pela setor privado, investindo fortemente em infraestrutura, retomando projetos estratégicos esquecidos nos últimos anos e reconfigurando estímulos crescentes de reindustrialização, negociando estrategicamente com os dois grandes atores da economia internacional, EUA e China. Para tudo isso, é fundamental a atuação do Estado.

Neste cenário de fortes confrontos econômicos e políticos entre as potências, é imprescindível negociar recursos econômicos, transferência de tecnologias e investimentos estratégicos para alavancar a economia. Todas essas iniciativas só tendem a ganhar relevância para o crescimento

econômico se investir fortemente em ciência e tecnologia, reduzir subsídios desnecessários e retomarmos as discussões estruturais para o desenvolvimento econômico produtivo.

A economia brasileira está travada. Neste cenário de baixo crescimento econômico e aumento das desigualdades, precisamos ser ousados, ambiciosos e estratégicos. Medidas econômicas liberais de contração fiscal e arrocho monetário, que nem mais fazem parte das agendas das nações desenvolvidas, tendem a aumentar as dificuldades econômicas, impulsionando a pobreza, contribuindo ativamente na degradação da renda da população. Na era da inteligência artificial, da robótica e do ChatGPT passou da hora de revermos os nossos conceitos.

Desafios Chineses

Estamos caminhando para um período de grandes conflitos geopolíticos entre as grandes potências internacionais, muitos especialistas em política internacional acreditam que estamos numa Guerra Fria 2.0, que está gerando e intensificando os desequilíbrios da economia global, incrementando incertezas, aumentando as volatilidades financeiras e em contrapartida, destruições generalizadas, crescimento das desigualdades, aumento da violência e a redução dos investimentos produtivos.

Nas últimas décadas, estamos observando rapidamente a ascensão da China, que nos últimos quarenta anos construiu um novo modelo de desenvolvimento, centrado no Estado, com fortes investimentos governamentais, altos dispêndios em ciência e tecnologia, reconfigurando a sociedade internacional, ameaçando o predomínio norte-americano e fragilizando fortemente a economia europeia, gerando novos desafios para as nações, exigindo fortes investimentos em capital humano e gerando conflitos geopolíticos com todo ocidente, lembrando-os que este último dominou concretamente a sociedade mundial desde a consolidação da Revolução Industrial.

A ascensão chinesa está gerando novos modelos econômicos e produtivos, uma verdadeira revolução no pensamento econômico, levando novos eixos de análise e reflexão da economia, colocando em xeque os modelos de equilíbrio geral do sistema econômico, questionando a existência do homem econômico, rechaçando a chamada “mão invisível” conceito criado pelo economista escocês Adam Smith. Neste cenário, destacando a importância dos investimentos governamentais, políticas industriais ativas, modelo exaustivamente utilizado no fortalecimento das nações orientais, contribuindo diretamente para que essas nações saíssem de posições intermediárias e se transformassem em países desenvolvidos, relevantes e fortemente industrializados.

O mundo contemporâneo prescinde de pragmatismo, as nações precisam de fortes atuações conjuntas de todos os setores da comunidade, num momento de fragilização e questionamento da democracia, como estamos percebendo em todas as regiões do mundo, a sociedade global precisa aprofundar os ideários da verdadeira democracia, incentivando a participação social de todos os setores, abrindo espaços para grupos marginalizados e que aceitem a diversidade social que vem ganhando espaço na sociedade globalizada.

Nesta sociedade, percebemos que a ascensão asiática abre novos canais de negociação, buscando novos investimentos, novas parcerias estratégicas, trazendo novas tecnologias, consolidando nosso mercado interno que pode ser utilizado como um ativo fundamental para angariar novas perspectivas econômicas, revertendo as tendências negativas de um futuro sombrio da sociedade brasileira, fortemente polarizada, marcadamente imediatista, cada vez mais individualista, que degrada rapidamente o meio ambiente, destruindo a sociabilidade, nos levando a uma comunidade violenta, centrada na desigualdade e fortemente concentrada.

Nesta sociedade globalizada, marcada por conflitos militares, hostilidades crescentes, crises financeiras, crescimento de tecnologias disruptivas, onde os trabalhadores perdem renda e carecem de perspectivas futuras, marcados por desequilíbrios emocionais e afetivos, o discurso do empreendedorismo é muito limitado para compreendermos os desafios da sociedade do conhecimento. Neste cenário, as nações que conseguiram alcançar desenvolvimento econômico e diminuição das desigualdades sociais foram aquelas que conseguiram uma solidariedade entre todos os atores sociais, investiram fortemente em educação, melhorando a formação dos professores, aumentando os dispêndios em tecnologia, estimulando a capacidade inovadora, desenvolvendo pesquisa científica, incrementando projetos que incentivem a participação social e olhando sempre

para o médio e longo prazo, deixando de lado uma visão imediatista, vislumbrando a construção de uma sociedade menos desigual, mais plural e desenvolvida.

A ascensão chinesa nos traz grandes ensinamentos para a construção de um desenvolvimento econômica e redução da pobreza, nos trazendo elementos para utilizarmos o mercado interno como alavanca de negociação internacional, atraindo empresas e transferência de tecnologias, investindo fortemente em infraestrutura urbana, cujos impactos são imediatos, impulsionando novos empregos, melhorando a renda, mas para isso, precisamos abandonar o complexo de vira lata que vigora no país.

Ventos Intervencionistas

Nos últimos anos a situação da economia internacional vem degradando de forma acelerada, com impactos sobre todas as regiões do mundo, levando a incertezas, aumento dos riscos dos países e piora dos indicadores macroeconômicos. Depois da crise financeira internacional de 2008, a chamada crise Imobiliária nos Estados Unidos, o mundo sentiu na pele uma forte degradação financeira na Europa, levando vários países a quase bancarrota, culminando na saída da Inglaterra da União Europeia. Somando a esse cenário de crises financeiras, destacamos ainda, a pandemia do coronavírus, que vitimaram mais de seis milhões de pessoas na sociedade mundial, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, com fortes impactos nos preços internacionais e o incremento da inflação, gerando instabilidades e volatilidades. Atualmente, estamos, novamente, vivenciando uma nova crise financeira global, cujos impactos ainda são impossíveis de fazer previsões, seus contágios, seus desdobramentos e seus impactos para todas as economias.

Neste cenário, de possível crise financeira internacional, os cenários estão confusos e pouco visíveis, mas percebemos que os agentes econômicos estão se movimentando ativamente para agilizar o socorro para as instituições bancárias, como fizeram anteriormente, despejando trilhões de dólares para proteger os investidores e evitar que acumulem perdas substanciais, que poderiam inviabilizar seus ganhos e seus patrimônios.

Essa crise, como em todas as outras que impactaram o sistema econômico e produtivo mundial, nos mostra claramente, que quando os grandes agentes econômicos e políticos solicitam proteção do Estado, os grandes incentivos monetários e subsídios financeiros crescem rapidamente, sem transparência, sem atrasos e sem mixarias, dispendendo fortunas que, se fossem canalizados para investimentos produtivos, seus retornos sociais seriam muito maiores, garantindo ganhos substanciais para toda a comunidade, aumentando o emprego, melhorando o salário e as rendas agregadas, vislumbrando um cenário propício para o crescimento econômico.

Neste cenário de possível crise financeira global, os governos se colocam numa condição de paradoxo crescente, dispendem trilhões de dólares para socorrer os investidores incautos, acenando positivamente para os setores financeiros, despejando recursos com pouca transparência, com ausência de governança e acenam para a redução dos investimentos públicos em políticas sociais, cujos retornos são maiores e auxiliariam na construção de um ambiente mais propício para a recuperação das economias.

A crise nos mostra, que ao contrário dos liberais, que advogam a ausência do Estado, todos os grandes conglomerados privados contaram com os recursos públicos, direto ou indiretamente, para se constituir, se consolidar e prescindem de seu apoio político e financeiro, protegendo-os, expandindo-os e fortalecendo-os para que seus lucros cresçam de forma acelerada. Na verdade, ao investigar os grandes conglomerados econômicos e produtivos percebemos que a parceria entre Estado e Mercado sempre existiu. A economista italiana Mariana Mazzucato, autora do livro O Estado Empreendedor, destaca os mais variados exemplos de parcerias exitosas entre governos e empresas, desde o financiamento a fundo perdido, auxílios institucionais, compras governamentais, proteção geopolítica, isenções tarifárias, dentre outras.

Neste cenário de incertezas e instabilidades crescentes no ambiente internacional, marcados por preocupações econômicas, polarizações políticas e o crescimento de crises sociais em todas as regiões, percebemos o incremento das parcerias entre Estados e Mercados, onde países desenvolvidos estão injetando trilhões de dólares para fortalecer setores econômicos estratégicos, nações desenvolvidas

estão barrando empresas de países vistos como adversários e impedindo a compra de empresas nacionais por concorrentes externos. Neste ambiente de fortes concorrências, as nações desenvolvidas estão olhando mais fortemente para seus interesses imediatos, internalizando cadeias produtivas, fortalecendo suas empresas e consolidando setores nacionais.

Internamente, estamos desindustrializando, vendendo empresas estratégicas e acreditamos que somos contemporâneos. Será?

Recessão à vista

A economia brasileira vem convivendo com baixo crescimento econômico desde meados dos anos 1980, com impactos generalizados para toda a estrutura produtiva, impulsionando a desindustrialização, piorando os indicadores sociais, fragilizando os trabalhadores e contribuindo para a construção de um ambiente centrado na baixa confiança, nas perdas econômicas e nas desigualdades crescentes.

Neste ambiente, a economia brasileira perdeu espaço precioso na economia internacional, chegamos a ser a sexta maior economia global e, atualmente, perdemos grande potencial econômico e produtivo, nos colocando como a décima quarta na economia mundial. Perdemos espaços na indústria global, estamos distantes das grandes discussões da Indústria 4.0, fragilizamos nossa indústria da saúde e nos tornamos um importador de máquinas e equipamentos médicos e hospitalares, demonstrando nossa fragilidade produtiva, nos tornamos dependentes de produtos importados, como vimos no período da pandemia, quando para suprir as demandas internas tivemos que recorrer ao mercado mundial.

Desde o Plano Real, a economia brasileira se acostumou com juros elevados, que limitam os investimentos produtivos, impedindo a geração de emprego, aumentando o endividamento das famílias, incrementando a inadimplência e aumentando os ganhos dos rentistas, que ganham recursos com a intermediação financeira, gerando poucos empregos e contribuindo para que sejamos vistos como um verdadeiro paraíso fiscal, até mesmo recentes autoridades governamentais mantém recursos substanciais em paraísos fiscais, driblando a legislação nacional, uma verdadeira excrescência, garantindo ganhos elevadíssimos, fugindo da tributação e inviabilizando os investimentos produtivos.

Neste momento, a economia brasileira caminha para uma recessão técnica, com taxas de juros elevadas, incertezas no ambiente internacional, quebradeira de empresas nacionais, como vimos no caso das Lojas Americanas, que acendeu um alerta para toda a economia, impactando sobre o crédito e afetando todo o sistema econômico, inviabilizando a sobrevivência de muitas empresas e novos modelos de negócios, como fintechs, cooperativas de créditos e novos empreendimentos, criando um cenário sombrio para o decorrer do ano, com um aumento do desemprego e degradação da renda.

A recente discussão econômica brasileira se concentrou nas elevadas taxas de juros, com este patamar a economia tende a caminhar a passos largos a uma recessão, asfixiando as empresas, levando-as à bancarrota e inviabilizando-as, aumentando os degradantes números de desemprego e, principalmente, numa economia com um cenário de incertezas e lentidão econômica. A fragilização econômica das empresas e dos consumidores terão impactos para todo o sistema financeiro, gerando fortes prejuízos para o setor bancário que, como não é bobo, está começando a pressionar para uma redução da taxa de juros, evitando que a recessão não se aprofunde, degradando os setores produtivos e aumentando o desemprego.

Neste cenário a recuperação econômica será muito mais dispendiosa e seus custos políticos e monetários serão mais elevados, inviabilizando o governo e elevando as instabilidades, as incertezas e aumentando as polarizações políticas. As crises recentes, como a das Lojas Americanas tendem a degradar o mercado de crédito, levando outras empresas e conglomerados a situações de insolvência, aumentando os custos financeiros e inviabilizando novos investimentos produtivos.

Antes os riscos da economia brasileira, segundo os analistas da mídia corporativa e dos economistas liberais, eram os riscos fiscais do Estado, agora, com as fraudes financeiras das Lojas Americanas, que prejudicou parte da confiança dos bancos, aumentando a inadimplência, reduzindo o poder de compra

dos consumidores, levando muitos conglomerados a mostrarem suas fragilidades econômicas. A recessão da economia brasileira trará grandes prejuízos para a estrutura produtiva, mas quando essa recessão gera fortes constrangimentos financeiros para o sistema bancário, com certeza, a redução dos juros deve começar imediatamente.

Guerra sem fim

Uma das grandes características da sociedade contemporânea é a instabilidade, vivemos num momento de grandes incertezas, as mudanças econômicas acontecem todos os instantes, alterando o cotidiano de todos os indivíduos, o mundo do trabalho vive uma verdadeira hecatombe, os modelos de negócios se movimentam cotidianamente, as famílias percebem rápidas transformações e os relacionamentos vivem momentos de fortes volatilidades, neste cenário, percebemos que os indivíduos, em todas as nações, sentem na pele todas as alterações em curso, cultivando medos, ressentimentos e grandes confrontos internos. Vivemos momentos de transformações estruturais em todos os eixos dos seres humanos, com questionamentos crescentes, novas oportunidades, novas guerras e novas formas de destruição, onde os conflitos militares voltam a criar possibilidades de destruições mundiais, com possibilidades concretas e confrontos nucleares, onde a razão perde espaço para o radicalismo, a arrogância e a desesperança.

A semana passada a sociedade internacional percebeu que a guerra entre a Rússia e Ucrânia completou um ano, neste período vislumbramos destruições materiais são incontáveis, números elevados de mortos, destruições crescentes, estruturas produtivas devastadas, cidades bombardeadas, famílias desagregadas, crianças e jovens órfãos, futuros apagados e fortes probabilidades de expansão de conflitos para outras regiões, tornando um conflito global, aumentando a destruição e aumentando a desolação daqueles que sonham que a paz predomine nesta região do mundo, uma região marcada por fortes incertezas, conflitos duradouros e devastações crescentes. Depois de uma pandemia que dizimou mais de 7 milhões de pessoas na sociedade internacional, a guerra em curso da humanidade é uma verdadeira mostra de que somos mais irracionais do que imaginamos.

O modelo econômico reinante na economia contemporânea está gerando forte degradação do meio ambiente, as alterações abruptas e intempestivas do clima, estão gerando devastações crescentes nas cidades, gerando passivos materiais e imateriais elevados para a comunidade, demandando políticas públicas rápidas, consistentes e eficientes, além de uma forte profissionalização dos agentes públicos, deixando de lado os modelos de contratação através do compadrio que sempre caracterizou os setores públicos, denotando, claramente, o nosso atraso institucional.

Percebemos o incremento da desigualdade social das sociedades contemporâneas, anteriormente a pobreza e a indigência eram características dos países em desenvolvimento, atualmente a pobreza também é percebida no interior de nações ricas e sociedades afluentes, gerando novas formas de exclusão social e confrontos políticos, aumentando a polarização, limitando a capacidade de crescimento econômico, abrindo possibilidades de desenvolvimento produtivo e incremento do bem-estar social.

Neste cenário, a guerra em curso na Europa deve degradar a sociedade por muito tempo, primeiro devastando as nações em conflito, gerando o incremento da inflação de produtos imprescindíveis da comunidade internacional, como energia e alimentos, levando as Autoridades Monetárias a elevarem as taxas de juros internas, reduzindo os investimentos produtivos, diminuindo a geração de empregos, contraindo as rendas e fragilizando o poder de compras dos trabalhadores e, posteriormente, inviabilizando a recuperação econômica das nações e aumentando os confrontos políticos e afastando das convergências necessárias para retomarmos os momentos de melhorias das condições sociais da população.

A guerra em curso da sociedade global demostra que estamos rumando para momentos preocupantes e, infelizmente, irreversível de destruição da humanidade. Os recursos financeiros, além de

equipamentos militares e tecnologias bélicas altamente sofisticadas, enviados para financiar o conflito internacional é muito maior do que os recursos utilizados para reduzir a fome e a exclusão social das nações subdesenvolvidas que crescem a olhos vistos. A verdadeira guerra da sociedade contemporânea deve ser outra e o inimigo deve ser a fome, a miséria e a indiferença.

Medos Contemporâneos

Vivemos numa sociedade centrada em grandes instabilidades e incertezas crescentes, que geram medos, preocupações e sensações ambíguas. De um lado, percebemos o incremento das tecnologias, transformando os seres humanos, gerando novas oportunidades, novos desafios, novas inovações e novos modelos de negócios que revolucionam a humanidade e, de outro lado, percebemos o aumento da volatilidade desta sociedade que crescem no nosso entorno, gerando receios sobre nossas atividades profissionais, a chamada descartabilidade, alterando fortemente os relacionamentos humanos do cotidiano e medos crescentes do incremento tecnológico, gerando contradições que habitam os seres humanos na contemporaneidade.

A sociedade contemporânea está centrada nos interesses materiais e financeiros, somos todos cobrados cotidianamente, somos vistos apenas como um número, buscando bater as metas dos setores produtivos, viabilizando seus bônus monetários e angariando ganhos imediatos, deixando valores filosóficos mais consistentes e nos entregando nesta sociedade de consumo, que nos levam a prazeres materiais e, ao mesmo tempo, gerando repulsas, receios e preocupações crescentes.

A sociedade está estimulando valores centrados no individualismo, no imediatismo e na busca crescente nos ganhos rápidos e imediatos, estimulando as aplicações financeiras, as fraudes contábeis estão crescendo, levando a destruição de empregos, a constante impunidade, a desesperança reina em quase todos os grupos sociais, gerando uma verdadeira guerra de todos contra todos, destruindo os valores da solidariedade e do respeito aos seres humanos.

Anteriormente os discursos estavam centrados no esforço individual, no estímulo do estudo contínua e na capacitação crescente, levando os seres humanos a um verdadeiro sucesso social, com emprego decente, salários dignos e perspectivas de melhorias social e econômica. Na contemporaneidade, esse discurso perdeu a centralidade, muitos embarcaram neste discurso de capacitação crescente, fizeram cursos de qualificação, investiram suas economias em cursos de mestrado e partiram para o doutorado e, se transformaram em profissionais altamente qualificado, sonhando com salários decentes e melhores condições de trabalho e, caíram na real, vivemos num mercado degradado e com pagamentos irrisórios, exploração crescente, cargas de trabalho elevadas e aposentaria indigna. Com isso, percebemos que caminhamos fortemente para uma degradação crescente, onde a educação é colocada em último nas prioridades nacionais.

Os medos contemporâneos estão estimulando comportamentos agressivos e violentos, levando os indivíduos a buscarem uma defesa antecipada, como se as pessoas estivessem se antecipando a possíveis movimentos posteriores. Dessa situação de confrontos constantes, as pessoas não dialogam mais, as famílias se afastam cotidianamente, não conversam sobre as dificuldades e os medos, terceirizam a educação de seus filhos e buscam as responsabilidades nos outros, em terceiros, se isentando de suas responsabilidades. O resultado desta equação é o mundo que vivemos na contemporaneidade, com medos, rancores e ressentimentos crescentes, eivados de grandes desastres materiais e imateriais.

No mundo do trabalho, percebemos o medo da descartabilidade cotidiana, os indivíduos perceberam a velocidade das transformações geradas pela tecnologia, novas máquinas e equipamentos estão levando as pessoas a perderem os empregos e, perdendo a esperança de dias melhores, levando ao culto dos conflitos e das agressões constantes. Neste movimento, a classe média percebe que sua posição na sociedade está sendo alterada e ameaçada, levando-a a perder espaço no mercado de consumo, sua renda está em queda constante, seus salários e seus benefícios estão se escasseando, as

perspectivas futuras para seus filhos são assustadoras, levando-os a abraçar as soluções mirabolantes, mágicas e inconsistentes e se assustando com a violência dos medos contemporâneos.

Os medos da contemporaneidade crescem cotidianamente, precisamos rever comportamentos, repensar os valores que cultivamos, reconstruir modelos econômicos e entender que caminhamos rapidamente para uma degradação constante e duradoura.

Conflitos Distributivos

A sociedade brasileira vem vivendo décadas de baixo crescimento econômico, com grandes dificuldades de atrair investimentos produtivos, que poderiam proporcionar novas oportunidades de geração de empregos e a melhora das condições sociais, além da diminuição das desigualdades e poderiam contribuir para a redução das disparidades sociais e amainar os conflitos distributivos que assolam a sociedade.

Neste cenário, o assunto do momento da sociedade e da mídia corporativa é a taxa de juros da economia brasileira, uma das maiores do mundo, com impactos significativos para a atividade econômica, inviabilizando o investimento produtivo e estimulando as aplicações financeiros e garantindo ganhos substanciais para os rentistas, aumentando seus rendimentos e abarrotando os lucros e dividendos, com isenções tributárias e alegrando uma orla de endinheirados e, ao mesmo tempo, aumentando o conflito distributivo.

Ao falarmos sobre as taxas de juros, estamos nos referindo a Selic, Serviço Especial de Liquidação e Custódia, definida pelo Banco Central e que impacta fortemente sobre as atividades econômicas, as aplicações financeiras e as estruturas produtivas, além de definirmos a geração de empregos, a renda dos trabalhadores, o endividamento dos agentes econômicos e contribuindo para a definirmos os horizontes da economia nacional.

No patamar elevado da taxa de juros definida pela Autoridade Monetária, estamos caminhando rapidamente a uma forte recessão. Conjunturalmente, percebemos que os estímulos fiscais do governo anterior perderam força, os investimentos produtivos estão sendo reduzidos, as taxas de juros elevadas estão desestimulando o crescimento econômico e, em contrapartida, as aplicações financeiras estão ganhando espaço, aumentando os ganhos dos poupadores e rentistas, inviabilizando os projetos econômicos e postergando a recuperação dos setores produtivos.

O debate está acalorado, de um lado os defensores da Autoridade Monetária acreditam que só com taxas elevadas de juros devem reduzir os preços e conter o dinamismo inflacionário. De outro lado, os críticos acreditam que as taxas de juros devem jogar a economia nacional numa recessão, piorando as contas públicas e seus impactos sobre as atividades são elevadas, gerando mais desemprego, queda acelerada da renda e maior endividamento das famílias, travando uma perspectiva de retomada do crescimento econômico.

Ao falarmos sobre o custo do capital no Brasil, precisamos destacar que temos juros insanos pouco vistos em outras nações, estamos convivendo, a muitas décadas, com juros de cheque especial em mais de 300% ao ano, taxas de juros de cartão de crédito em mais de 400%, empréstimos pessoais com taxas proibitivas, garantindo ganhos substanciais para os bancos e financeiras, aumentando o poder do mercado financeiro, capturando o Banco Central e defendendo seus interesses em detrimento da população.

Com taxas de juros neste patamar, estamos naturalizando uma degradação econômica que persiste desde a redemocratização, que contribuíram para a estagnação econômica do país e para o incremento das desigualdades, fazendo com que o Brasil seja visto como uma das economias mais desiguais do mundo, inviabilizando investimentos produtivos e alavancando o rentismo, levando variados setores industriais para trocar suas atividades produtivas tradicionais por negócios financeiros, abrindo instituições bancárias, garantindo ganhos estrondosos, aumentando seus ganhos imediatos e contribuindo para uma degradação econômica e piorando as condições sociais, com

incremento do desemprego, reduzindo a renda agregada, aumentando a vulnerabilidade social e os conflitos políticos.

Neste momento de recuperação econômica precisamos rediscutir questões estratégicas para a sociedade, repensar os spreads bancários, taxar grandes fortunas, rever isenções fiscais e tributárias indiscriminadas, repensar privatizações sem transparências, reduzir as taxas de juros que servem apenas para engordar rentistas e financistas. Sem políticas consistentes, urgentes e corajosas continuaremos nesta degradação social.

Convergências

Vivemos momentos de grandes incertezas e volatilidades, com impactos generalizados para toda a sociedade brasileira, vivemos momentos de medos, preocupações e fortes desagregações sociais, instabilidades econômicas e grandes conflitos políticos, sem convergências e sem rumo para construirmos uma estratégia consistente para a reestruturação da economia nacional. Sem rumos consistentes, os desafios tendem a crescer, as perspectivas de melhora econômica diminuem rapidamente, oportunidades tendem a ser menores e perpetua o incremento da desigualdade, dos conflitos sociais e a degradação política, estamos vivendo momento de fortes degradações, exigindo decisões conjuntas e fortes convergências.

A economia brasileira perdeu a vocação do crescimento econômico, desde os anos 1980, depois de um período de forte crescimento econômico, a sociedade passou a viver instabilidades crescentes, alternando inflação alta, dificuldades externas, taxas de juros elevadas, desindustrialização, degradação das condições de trabalho e de emprego, além de arrocho salarial e redução do mercado interno de consumo, que contribuíram para a fragilização dos trabalhadores, seu endividamento crescente e uma forte degradação política que caminha para uma grande convulsão social.

Neste momento precisamos reconstruir os laços sociais, reestruturar as bases da economia nacional, investir fortemente em ciência e tecnologia, retomando o poder e a centralidade da educação como instrumento de ascensão social, rechaçando os discursos inconsistentes de empreendedorismo como instrumento de retomada do crescimento econômico. Precisamos atuar fortemente para reduzirmos o poder político e econômico dos grandes conglomerados que monopolizam os mercados e impedem a entrada de novos concorrentes, degradando os instrumentos de regulação governamental, impondo sua agenda e auferindo lucros extraordinários.

Nossa sociedade está envolta em grandes degradações políticas, discursos agressivos e ódios e de ressentimentos, vivemos momento de graves conflitos, onde as discussões políticas, fundamentais para a construção de consensos, passou a ser substituída por grandes violências, agressividades e, neste cenário, percebemos que estamos cultivando devastações crescentes, com atrasos institucionais, degradação do meio ambiente, estimulo de uma sociedade centrada da exploração e da insegurança. Neste ambiente, os investimentos produtivos se reduzem, os grandes conglomerados se afastam do país, somos relegados ao esquecimento e não participamos dos grandes fóruns internacionais, levando-nos a sermos vistos como um grande pária internacional.

A reconstrução nacional prescinde de um amplo consenso nacional, onde todos os grandes atores sociais, políticos e econômicos precisam ambicionar a reestruturação da nação, deixando seus interesses imediatos e a busca de um projeto nacional que coloque no centro a redução das desigualdades, reestruturações econômicas e produtivas e uma consolidação de um sistema de justiça que perpetuam as violências e as degradações que permeiam a sociedade e contribuem fortemente para que nossa estrutura social se fragiliza, mostrando a incapacidade de grupos privilegiados, rentista e gestores financeiros que ganham com essa condição social de indignidade e exploração.

No cenário de desintegração que vivemos, os grupos econômicos e políticos usam seus poderes para garantir vantagens e benefícios imediatos, deixam de pensar no longo prazo e se digladiam no agora, buscando ganhos e se esquecem que, muitas vezes, seus ganhos geram desagregações de outros setores, garantindo ganhos imediatos e destroem seus setores no longo prazo, abandonamos o planejamento, as estratégias e nos esquecemos que vivemos num mundo altamente concorrencial.

Em momentos de grandes polarizações políticas, incertezas econômicos e devastações sociais como este, precisamos reconstruir canais de negociações democráticas, arregimentar grupos sociais, fortalecer as instituições e consolidar políticas públicas, buscando consenso, punindo os focos de desequilíbrios e buscando a construção de um novo projeto nacional. Sem um verdadeiro projeto nacional, nosso destino é chafurdarmos na lama da desagregação social.

Escalada Militar

O século XXI se caracteriza por grandes transformações na sociedade internacional, depois da crise financeira que abalou a economia global, posteriormente presenciamos a morte de mais de 6 milhões de pessoas vitimadas pela pandemia do Coronavírus. Percebemos que estamos nos aproximando rapidamente de conflitos militares devastadores, com todo potencial de destruição e degradação e, como sempre, os grupos sociais mais fragilizados e desprotegidos são os mais afetados.

O século XX foi marcado por inúmeros conflitos militares, neste período, a sociedade presenciou duas grandes guerras mundiais com mais de 100 milhões de mortos, com fortes destruições de países, cidades e regiões. Neste momento, a geopolítica global foi reconfigurada rapidamente, nações fortes perderam espaço nos cenários econômico, geopolítico e outros países ganharam espaço na comunidade mundial, uma verdadeira revolução no ambiente global.

Os fortes investimentos na indústria bélica e militar foram fundamentais para o desenvolvimento da tecnologia civil, impactando fortemente nas grandes transformações que estamos vivenciando na sociedade contemporânea, impulsionando produtos, máquinas, equipamentos e gerando novos modelos de negócios, que alteram por completo o cenário internacional. Produtos como a internet, o Sistema de Posicionamento Global (GPS), os radares, os drones, os caças supersônicos, os equipamentos hospitalares, dentre outros, foram responsáveis por avanços na tecnologia da sociedade, sendo que os maiores investidores da indústria bélica são os Estados Unidos, a Rússia, a França e a China, sendo que os norte-americanos dispendem mais do que o dobro dos investimentos dos outros países descritos acima, com quase US$ 1 trilhão anual.

Os fortes investimentos na indústria bélica foram fundamentais para o desenvolvimento da chamada Terceira Revolução Industrial, que trouxeram para a comunidade internacional os grandes avanços na informática, na biotecnologia e na telecomunicação, setores que contribuíram para impulsionar as alterações que estamos vivendo na sociedade contemporânea, com fortes avanços em variadas áreas e setores, mas ao mesmo tempo, contribuindo para o incremento das incertezas e das instabilidades que estamos vivendo na contemporaneidade.

Neste momento, percebemos que os grandes movimentos geopolíticos, com as grandes potências se abrindo para conflitos militares duradouros, que podem culminar em guerras devastadoras, com destruições e degradações humanas, além de grandes prejuízos materiais e imateriais.

Vivemos momentos de incertezas, espionagens e preocupações crescentes, além do conflito militar entre Ucrânia e Rússia, com movimentos das nações da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), cuja expansão pode gerar um aprofundamento do conflito, levando várias nações a entrarem na guerra, gerando devastações em toda a comunidade internacional e seus resultados, com certeza, não são animadores. Afinal, estamos falando de nações com forte poderes bélico, militar e nuclear, neste cenário, o poderio nuclear pode levar a sociedade internacional a destruição.

O envio de equipamentos militares, armas, aviões, tanques, drones e bilhões de dólares, dos países da OTAN para “defender” a Ucrânia, pode aumentar a instabilidade na região, aumentando os conflitos e as ameaças de uso de armas nucleares, tudo isso contribuindo para aumentar o conflito, gerando mais represálias, mais destruições e impactos sobre a economia internacional, aumentando os preços das commodities, como alimentos, energias, combustíveis e fertilizantes, impactando a economia mundial, degradando a renda dos países mais pobres e garantindo lucros extraordinários dos setores vinculados a indústria bélica.

Destacamos ainda, as arestas verbais entre os Estados Unidos e a China, que podem levar a conflitos militares nos próximos anos. Neste cenário, depois de crises financeiras internacionais e pandemias avassaladoras, uma possível guerra entre nações com fortes potenciais nucleares nos levariam para uma verdadeira tempestade perfeita, de destruição, de devastação e de irracionalidade.

Demissões em massa

Constantemente refletimos, nesta coluna, sobre as grandes transformações econômicas e seus impactos para a sociedade internacional. Neste cenário, marcado por alterações nos modelos de negócios e fortes transformações no mundo do trabalho, onde a tecnologia está moldando as bases da comunidade, destruindo empresas até então bem-sucedidas, fragilizando trabalhadores e criando instabilidades na empregabilidade dos indivíduos, gerando novos desafios, medos e incertezas, que podem abrir espaço para novas oportunidades, criando ganhadores e perdedores com fortes impactos sociais e políticos na sociedade.

Recentemente, as mídias especializadas, estão mostrando o aumento das demissões das grandes empresas de tecnologia, que se transformaram em fortes empregadores de trabalhadores altamente capacitados e, na contemporaneidade, estão demitindo números consideráveis de trabalhadores, com impactos sobre todas as regiões do mundo, pois são grandes conglomerados e empregam pessoas do mundo todo, tais como Amazon, Google, Twitter, Meta, Microsoft, dentre outras.

Nos últimos anos, as empresas de tecnologia ganharam relevância na sociedade internacional, angariando valores de mercado, consolidando seus modelos de negócios e se transformaram nas queridinhas do mundo corporativo. Suas ações eram desejadas pelos investidores, seus valores de mercado foram multiplicados várias vezes, passando a se transformarem nos maiores conglomerados da economia internacional, deixando para trás grandes empresas automobilísticas, siderúrgicas, varejistas e petroleiras, algumas delas conseguiram ultrapassar US$ 1 trilhão em valores de mercado, algo impensável anteriormente.

Depois de fortes contratações no período da pandemia, as empresas perceberam que, com a normalidade da estrutura econômica e a redução das paralisações das economias em decorrência do covid-19, seus ganhos financeiros foram reduzidos fortemente e levando-as a uma reestruturação em seus negócios, diminuindo sua força de trabalho, iniciando dispensas em todos os setores e diminuindo os cargos estratégicos, visando reestruturar seus modelos de negócios e buscando incrementar seus lucros e ganhos adicionais, melhorando sua performance financeira e operacional, incrementando os valores de suas ações e a rentabilidade de seus negócios.

Destacamos ainda, o incremento dos preços dos produtos internacionais, impacto direto da pandemia, da quebra das cadeias globais de produção e da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, inflacionando preços de energia, dos combustíveis, dos fertilizantes e dos alimentos. Com o aumento da inflação, redução da renda das famílias e, imediatamente, levando os governos, via Bancos Centrais, a incremento das taxas de juros, com redução da liquidez internacional e a elevação dos custos financeiros, com a redução dos movimentos de riscos, levando os agentes econômicos e financeiros a reduzirem recursos alocados em investimentos de risco e a buscarem os investimentos de menor risco, como a renda fixa.

As empresas de tecnologias, grandes conglomerados econômicos e produtivos, perceberam os movimentos de reestruturação, buscando equacionar seus equilíbrios financeiros e aumentar seus rendimentos sem mexer nos grandes ganhos para seus acionistas e os investidores, com isso, aumenta o contingente de desempregados numa sociedade centrada por instabilidades e volatilidades crescentes, com degradações econômicas, desequilíbrios familiares, com incremento das ansiedades e formas generalizadas de patologias sociais que culminam em violências crescentes, ressentimentos, medos e inseguranças que levam a sociedade as desorganizações crescentes.

As demissões em massa da sociedade contemporânea tendem a continuar em alta e os lucros dos acionistas e dos investidores tendem sempre a ascensão. Neste ambiente, a exploração dos fragilizados tende a crescer e os rendimentos dos trabalhadores tendem a se reduzir rapidamente, com isso, os consultórios de psicólogos e terapeutas tendem a crescer de forma acelerada, caracterizando uma sociedade desigual, degradada e violenta. E ainda encontramos gurus acreditando e apregoando que a solução desta equação está no empreendedorismo….

Instabilidades Gerais

Estamos iniciando mais um ano marcado por grandes incertezas e desafios crescentes na sociedade internacional, que geram instabilidades gerais, desequilíbrios emocionais e novas oportunidades. De um lado, percebemos o crescimento dos conflitos militares, com instabilidades sociais, degradações políticas, contestações sobre modelos de negócios e fortes transformações no mundo do trabalho. De outro lado, percebemos a degradação climática, alterações crescentes no meio ambiente, além de desequilíbrios existenciais, desajustes emocionais e, no limite, aumento da depressão, ansiedades e suicídios, gerando um verdadeiro caos na saúde pública.

Neste cenário, percebemos as movimentações militares que podem gerar constrangimentos para a sociedade internacional, onde as nações estão impulsionando os investimentos bélicos, despejando trilhões de dólares para aumentar a produção de armas e tecnologias militares, gerando medos e preocupações sobre conflitos nucleares, cujas repercussões armamentistas são incertas, destruidoras e degradantes.

Destacando o incremento das demissões de trabalhadores em grandes conglomerados econômicos e produtivos, todos os dias recebemos, nos noticiários especializados, informações de empresas de tecnologia, bancos, indústrias e grandes varejistas que estão demitindo grande contingente de seu quadro funcional. Neste cenário, percebemos que o ambiente de fortes investimentos destes conglomerados está chegando ao final, com o incremento dos juros e a diminuição da liquidez global, estes negócios estão buscando investimentos em renda fixa, risco baixo e, ao mesmo tempo, os governos que, anteriormente aumentavam os investimentos nos momentos de incertezas e instabilidades, foram fragilizados financeiramente depois dos gastos elevados da pandemia. Com isso, suas dívidas cresceram e seus riscos de insolvência aumentaram, levando-os a reduzirem suas exposições e postergando os investimentos produtivos, resultado imediato, sem investimentos públicos e um setor privado endividado, a recuperação econômica tende a demorar mais e os grandes perdedores são os setores mais fragilizados da sociedade, gerando instabilidades, incertezas sociais e degradação política.

O ambiente internacional se caracteriza por grandes instabilidades e fortes volatilidades, a escalada de conflitos militares e as preocupações crescentes com guerras nucleares, o aumento da inflação, o incremento da inadimplência, a compressão dos mercados internos, taxas de juros em ascensão, aumento nos conflitos comerciais e o protecionismo entre nações, instabilidades dos preços dos alimentos e da energia, tudo isso contribuem para as incertezas da economia mundial, criando um clima adverso e fortemente negativo, que contribuem para postergar a recuperação da economia internacional e acaba criando um século de instabilidades gerais e fortes preocupações sobre os rumos das nações, com impactos negativos para os indivíduos, alterando constantemente os modelos de negócios, levando todos os agentes econômicos e políticos a buscarem um caminho seguro e consistente numa travessia fortemente tortuosa, marcadas por medos, incertezas e constrangimentos crescentes.

Neste cenário centrado em fortes volatilidades, a sociedade brasileira sente as grandes inquietações que restringem as estratégias econômicas e limitam a recuperação econômica, postergando medidas estruturais fundamentais para que o país encontre o crescimento econômico sustentável, desta forma, percebemos que a economia nacional caminha a passos lentos, sem investimentos produtivos, sem perspectivas positivas e convivendo com instabilidades cotidianas, com conflitos políticos, desorganização institucional e confrontos generalizados. Enquanto as outras nações buscam a

construção de novos horizontes de desenvolvimento econômico, refundando suas estruturas industriais, adotando políticas urgentes para reduzirmos as dependências externas e o aumento de sua autonomia.

Neste momento de instabilidades é imprescindível o surgimento de lideranças conscientes, visionárias e capacitadas para reconstruir novos horizontes, contornar os desequilíbrios, fortalecendo setores produtivos, reorganizando as instituições, reconstruindo e aperfeiçoando políticas públicas exitosas, pacificando a nação, investindo em capital humano e construindo um verdadeiro projeto nacional, sem isso, não teremos desenvolvimento econômico.

Economia Circular

Estamos vivendo momentos de grandes ansiedades, oportunidades e desafios crescentes. Vivemos momentos de mudanças estruturais, novas formas de convivência social, novas tecnologias que reduzem a privacidade, novos modelos de negócios, somos constantemente monitorados, com alterações no mundo do trabalho, exigindo de todos, estudos constantes e atualizações cotidianas, demandando investimentos financeiros e emocionais, estamos num momento de grandes incertezas e instabilidades.

Nesta sociedade, percebemos alterações crescentes no meio ambiente, as preocupações alarmantes do clima global, mudanças crescentes na agenda da sustentabilidade, fenômenos climáticos violentos que geram destruições humanas e degradação da natureza, levando a comunidade internacional a reflexões consistentes sobre o futuro da humanidade.

Neste ambiente, a Economia Circular vem ganhando espaço na sociedade global nas últimas décadas, na verdade percebemos uma grande preocupação com as condições de degradação do meio ambiente, o clima vem passando por grandes incertezas e instabilidades, os solos estão passando por perdas crescentes de produtividades, regiões propícias para um tipo de cultura estão percebendo uma degradação de seu solo original, gerando instabilidades sociais, tufões, maremotos, chuvas assustadoras, perdas econômicas e pressões demográficas, gerando milhões de pessoas que fogem de seus países para buscar abrigo em outras regiões, gerando, muitas vezes, conflitos culturais, violências, desesperanças e xenofobias.

Neste instante, percebemos o surgimento de novos conceitos na sociedade, a economia nos traz novos instrumentos de reflexão, destacando, compreendendo e estimulando o que chamamos de Economia Circular, uma nova forma de reflexão, deixando a economia linear, imediatista e abrindo espaço para o que chamamos de circularidade.

A economia circular está ligada a uma grande revolução em curso na lógica econômica e produtiva, impactando fortemente a economia linear, que domina a sociedade internacional, onde os recursos são utilizados para a produção de um determinado bem ou mercadoria e este produto é descartado quando o produto perde efetividade, degradando o meio ambiente e gerando um passível ambiental para toda a comunidade.

A economia circular traz novas reflexões para a sociedade, olhando não apenas a mercadoria inicial, mas toda a vida deste produto, onde o produto que perde espaço e, posteriormente, pode ser reaproveitado constantemente, onde se recicla, se reutiliza e se reinventa para que os produtos originais sejam vistos como um instrumento de circularidade, gerando uma verdadeira revolução na sociedade, uma grande transformação sobre o capitalismo, levando-o a repensar todos os instrumentais de produção, distribuição, marketing, consumo, desejos, necessidades, uma verdadeira revolução que impacta sobre a sociedade.

A Economia Circular também tem um papel mais estrutural do que as pessoas imaginam, estimula uma reflexão sobre conceitos ligados a necessidades, repensando o conceito de economia como uma ciência. Os economistas aprendem no começo do curso de ciência econômicas que a economia é a ciência da escassez, que nasce para satisfazer as necessidades dos indivíduos, a economia surge como um instrumento para responder a um dilema ético da sociedade, destacando os conflitos entre necessidades ilimitadas e recursos limitados. A Economia Circular nasce com um papel de grande relevância, surge para repensarmos a sociedade, as necessidades dos seres humanos, os

comportamentos e que nos auxilia a compreender que vivemos numa sociedade marcada por recursos naturais, finitos e ambientais limitados, diante disso, somos levados constantemente a fazermos escolhas.

A economia circular nos traz novos horizontes para refletirmos sobre a coletividade, sobre a comunidade, sobre o pertencimento e nos levam a compreender que somos todos seres humanos, ao destruirmos o planeta para alavancar a riqueza de poucos estamos nos comportando irracionalmente e a consequência imediata é a degradação da vida de todos.

Desafios da Reindustrialização

Nestes últimos anos, percebemos grandes transformações nas estruturas produtivas internacionais, novos modelos de negócios, novas exigências para os trabalhadores, novos desafios para as empresas, novas formas de organizações social e política, que exigem, na sociedade contemporânea, novos instrumentos de acumulação que tendem a levar as nações a buscarem uma reestruturação produtiva e industrial ou aquilo que os economistas chamam de reindustrialização para diminuir as dependências externas e aumentarem a soberania nacional.

Desde o começo do século XXI a sociedade global foi assolada por grandes crises econômicas e financeiras, como o grande crash do mercado imobiliário nos Estados Unidos, com repercussões violentas sobre a economia internacional, gerando quebradeiras, falências de bancos e empresas, aumento no desemprego e da degradação das condições de vida de milhares de trabalhadores nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, cuja recuperação demandou forte intervencionismo estatal, estatização de empresas e recursos bilionários para evitar que a bancarrota não fosse maior.

Recentemente, a sociedade internacional, sentiu na pele a pandemia da covid-19, que ceifou mais de 7 milhões de pessoas no mundo todo, gerando degradações crescentes, instabilidades econômicas, quebras produtivas e incrementos nos preços. Neste cenário, muitas nações desenvolvidas perceberam crescimento da dependência industrial dos países asiáticos, notadamente crescimento da dependência das estruturas produtivas chinesas, responsáveis por grande parte da produção de insumos industriais, transformando nações ocidentais em sociedades dependentes do gigante asiático.

A pandemia desnudou a dependência das nações ocidentais da indústria asiática, fortalecendo a China, Coréia do Sul e Taiwan, gerando insatisfações internas nas economias europeias e estadunidense, aumentando as pressões dos setores produtivos para aumentarem as políticas protecionistas de seus respectivos governos, como forma de preservar a estrutura produtiva e sua autonomia industrial. Diante disso, os governos ocidentais passaram a implementar novas políticas protecionistas para garantirem mercados internos para suas indústrias, recuperar empregos perdidos anteriormente e aumentaram, sensivelmente, os subsídios para atrair novas indústrias, garantindo um estímulo para a reindustrialização e reduzir a dependência da indústria asiática.

Estamos vivendo um momento de forte intervencionismo estatal por parte das nações desenvolvidas, notadamente europeus e norte-americanos, que anteriormente, se caracterizavam com um discurso liberal agressivo, defensor dos mercados livres e forte estímulo da concorrência e da competição como o grande agente gerador de desenvolvimento das nações, uma verdadeira falácia que a contemporaneidade está desmascarando.

Neste cenário, percebemos os governos desenvolvidos dispendendo trilhões de dólares para estimular a produção interna, impedindo empresas norte-americanas de comprarem produtos de fornecedores chineses, como está acontecendo com a Dell Computadores que foi proibida de importar chips fabricados pelo gigante asiático, destacamos ainda, o governo Biden aportando mais de US$ 52 bilhões para que a TSMC e a Samsung instalem fábricas de semicondutores em solo estadunidense, fortalecendo a produção interna, aumentando a produtividade das empresas nacionais e reduzindo a dependência externa da estrutura produtiva norte-americana. Todas estas medidas fazem parte de um grande pacote de 280 bilhões de dólares dos Estados Unidos para estimular a reindustrialização de sua economia, além de mais de US$ 550 bilhões de um programa de investimento em infraestrutura e geração de empregos, capacitando sua economia para uma forte competição com as economias asiáticas e, principalmente, a China.

A reindustrialização das economias desenvolvidas voltou a agenda internacional, depois de fortes crises econômicas e da pandemia, que geraram grandes destruições produtivas, as nações perceberam a importância do setor industrial, infelizmente, internamente, a indústria brasileira foi dizimada nas últimas décadas, estimulando o rentismo, degradando o emprego e matando o mercado interno, com isso, nos afastamos fortemente do desenvolvimento.

Sobre o autor

Ary Ramos da Silva Júnior

Graduado em **Ciências Econômicas** (1996) na Faculdade de Ciências e Letras/ Universidade Estadual Paulista – UNESP, câmpus de Araraquara.

Trabalho de Monografia: ***"As conseqüências dos ajustes neoliberais no Chile e México",*** com orientação do Prof. Dr. Luís Fernando Ayerbe.

Graduado em Gestão de Investimentos, 1600 horas – Centro Universitário Cidade Verde, 2023.

Graduação em **Administração** – Centro Universitário de Rio Preto – Unirp, 2021.

Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus de Araraquara (2000).

Dissertação intitulada: ***"Neoliberalismo na América Latina: O processo de ajuste da economia do México no período 1982 a 1997".*** Sob orientação do Prof. Dr. Luís Fernando Ayerbe.

Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus de Araraquara (2006).

Tese intitulada: "***Neoliberalismo e Corrupção: análise comparativa dos ajustes neoliberais no Brasil de Fernando Collor e no México de Carlos Salinas. O incremento da corrupção e seus custos sociais"***. Sob a orientação do Prof. Dr. Enrique Amayo Zevallos.

Curso de Aperfeiçoamento ***Tecnologia e Metodologias Educacionais para o século XXI,*** modalidade EaD, realizado na Universidade Federal de São Carlos – Ufscar, 180 horas, 2019.

Colunista semanal do ***Jornal Diário da Região****, Caderno ECONOMIA, desde novembro de 2020.*

Membro titular da **Federação dos Professores do Estado de São Paulo** vinculado ao Sindicato dos Professores (SINPRO) de São José do Rio Preto/SP.

Professor do **Centro Universitário de Rio Preto** (Unrip) desde 2004.

Professor das **Faculdades de Tecnologia de Catanduva, Jaboticabal e Barretos,** com ingresso do Centro Paula Souza em 2009.

Professor da **Universidade Paulista** (Unip) desde 2001.

Curso de Pós-Graduação Saúde Pública e Programa de Saúde da Família – *Modalidade EaD* – Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB), 600 horas, 2022.

Curso de Pós-graduação: Sociologia do Trabalho e Exclusão Social – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 360 horas, 2022.

Curso de Pós-Graduação História do Brasil – *Modalidade EaD* – Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB), 580 horas, 2022.

Curso de Pós-graduação: Economia Circular – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 380 horas, 2023.

Curso de Pós-Graduação MBA em Executivo em Gestão de Negócios e Marketing – *Modalidade EaD* – Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB), 640 horas, 2022.

Curso de Pós-Graduação: Especialização – Política Brasileira e Realidade Socioeconômica – Modalidade EaD nas Faculdades Metropolitanas, 600 horas, 2021.

MBA Executivo em Marketing e Redes Sociais – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 400 horas, 2023.

***Curso de Pós-Graduação: Especialização em Economia* – Modalidade EaD – nas Faculdades Metropolitanas, 600 horas, 2021.**

***Curso de Pós-graduação: Economia Criativa* – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 360 horas, 2022.**

***Curso Pós-Graduação de Gestão de Marketing* – Modalidade EaD – Faculdades Faveni, 420 horas, 2023.**

Curso de Pós-graduação: Economia do Setor Público – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 360 horas, 2023.

***Curso de Pós-Graduação: Especialização em Economia Brasileira Contemporânea* – Modalidade EaD – Faculdades Metropolitanas – 600 horas, 2021.**

Curso de Pós-Graduação: Especialização Ensino Remoto, Ensino à Distância e Metodologias Ativas – Modalidade EaD – Faculdades Metropolitanas – 600 horas, 2021.

Curso de Pós-graduação: Criptomoedas – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 360 horas, 2023.

***Curso Pós-Graduação MBA em Comportamento Organizacional e Gestão de Pessoas* – Modalidade EaD – Faculdades Radiante, 400 horas, 2020.**

Curso de Pós-graduação: Ética e Filosofia Política – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 360 horas, 2023.

***Curso de Pós-Graduação: Ciências de Dados e Big Data Analytics* – Modalidade EaD – nas Faculdades Metropolitanas, 600 horas, 2021.**

***Curso de Pós-graduação: Economia Comportamental* – Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 360 horas, 2022.**

***Curso de Pós-Graduação Gestão de Projetos – Modalidade EaD* – Instituto Pedagógico Brasileiro, 640 horas, 2022.**

***Curso de Pós-Graduação em Ciência Política* – Modalidade EaD – Instituto Pedagógico Brasileiro (IPB), 580 horas, 2023.**

***Curso de Pós-Graduação: MBA Marketing Digital* – Modalidade EaD – Faculdades Metropolitanas – 600 horas, 2021.**

Curso de Pós-Graduação Educação Financeira – Modalidade EaD **– Instituto Pedagógico Brasileiro, 660 horas, 2022.**

Curso de Pós-Graduação MBA Em Assessoria Executiva – Modalidade EaD **– Instituto Pedagógico Brasileiro, 660 horas, 2022.**

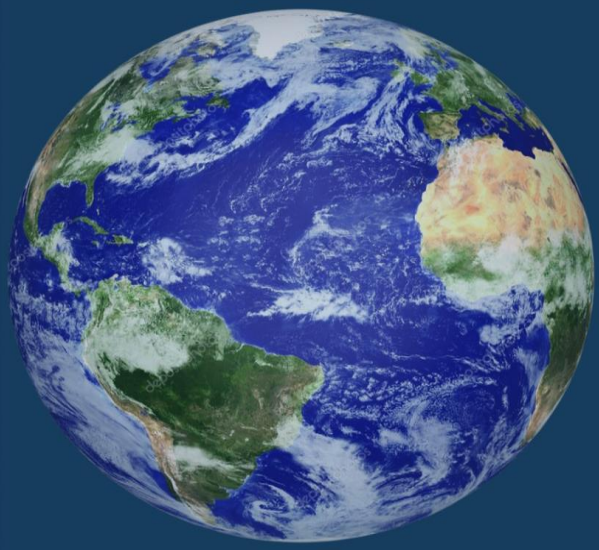
Curso de Pós-Graduação História Social e Contemporânea **– Modalidade EaD – Faculdades Única, 500 horas, 2020.**

Curso Pós-Graduação MBA Gestão Estratégica, Inovação e Conhecimento **Modalidade EaD – Faculdades Radiante, 400 horas, 2020.**

Curso de Pós-Graduação: Especialização – Gestão Escolar – Modalidade EaD nas Faculdades Metropolitanas, 600 horas, 2021.

Curso de Pós-graduação: Metodologias Ativas de Aprendizagem **– Modalidade EaD – Faculdades Unyleya, 400 horas, 2022.**

Curso de Pós-Graduação: Especialização – Pedagogia Empresarial – Modalidade EaD nas Faculdades Metropolitanas, 480 horas, 2021.



Ary Ramos da Silva Júnior, formado em Ciências Econômicas (Unesp), Administração (Unirp), Gestão de Investimento (Unicv), Especialista em Economia do Setor Público (Unyleya), Mestre, Doutor em Sociologia (Unesp) e professor universitário.

ISBN 978-655606806-0

9 786556 068060

editora
Virtual Books